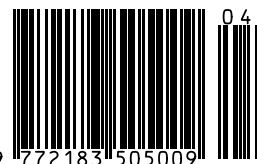
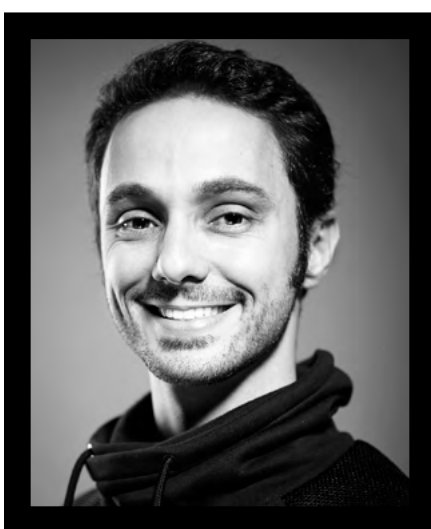
insomnia
ZINE
#4
INSOMNIA MAGAZINE N.º 4
ABRIL 2017 • SEMESTRAL • ONLINE • GRÁTIS
04
9 772183 505009

De braços abertos

POR GONÇALO PINTO JORGE

Foto: Ana Dias

Desde abril de 2015 que tentámos trazer para estas páginas o que de melhor se fez em Portugal em termos de fotografia erótica.

Convidámos alguns dos mais notáveis nomes da fotografia portuguesa contemporânea e, na maioria das vezes, fomos recebidos de braços abertos. Havia em Portugal um grande desejo de mostrar trabalho de qualidade e nós sentimo-nos felizes, e algo orgulhosos, por termos contribuído um pouco para essa divulgação da arte. Mas, quase desde a fundação da revista, as solicitações por parte de fotógrafos internacionais, com vontade de ver os seus trabalhos na INSOMNIA Magazine, se foram acumulando. Numa primeira fase, ao longo dos últimos meses, começámos timidamente por abrir a porta a ensaios vindos de fora para o nosso *website* enquanto *web stories* exclusivas (o nosso *site* também tem uma nova cara, *by the way!*). É agora a altura de abrir totalmente as portas e de abrir os braços para acolher o talento de além-fronteiras.

Para esta quarta edição da revista escolhemos alguns dos fotógrafos eróticos que mais admiramos. Entre fotógrafos e modelos temos talento da Rússia, da Bélgica, da Alemanha, dos Estados Unidos, da Letónia e, claro, de Portugal. Mas a nacionalidade deixou de ser importante. O que nos importa agora é a intensidade das imagens; a qualidade do trabalho. Apenas isso.

Temos também muitas outras pérolas que merecem ser descobertas nesta INSOMNIA Magazine #4: temos aventura e resiliência na Volvo Ocean Race 2017-18; temos a indústria portuguesa de motos representada pela APJ; temos o nosso *spider-man*, o atleta de *parkour* Pedro Salgado; temos as palavras ricas de Samuel Úria em entrevista; temos um anjo (da Victoria's Secret) na Terra; temos reluzentes troféus na fotografia, no cinema, na música! E há também a arte (cada vez mais presente) de Matu Santamaria, não só a ilustrar as nossas páginas, como também numa BD saída do seu novo livro; e há ainda a mistura sublime de erotismo e terror pela mão do americano Adam Padilla. Há muito, muito mesmo para descobrir!

Deixe-se estar um tempinho connosco. Nós cuidamos bem de si.

INSOMNIA Magazine: you can sleep when you die.

insomnia

MAGAZINE

122

138

8 **ELA NÃO DORME** UM ANJO NA TERRA

10 **ATUALIDADE**

13 **EVARISTO, TENS CÁ DISTO** DE PEPE DEL REY

14 **ELE NÃO DORME** GRAMMY.PT

16 **AGENDA**

24 **PARA LER** AMÉRICA DEBILITADA

25 **PARA OUVIR** A GENTE VAI CONTINUAR!

26 **CINEMA | TV | ONLINE**

30 **ARTE** UMA VARANDA PARA O INFINITO

32 **DESPORTO** O PRINCÍPIO DO FIM

34 **LISTA DAS COMPRAS**

38 **O ESTILO DE** GONÇALO CABRAL

40 **INSOMNIA GIRL** ANASTASIYA SCHEGLOVA

54 **REPORTAGEM** VOLVO OCEAN RACE

66 **TALENTO** ADAM PADILLA

70 **REPORTAGEM** A RUA DO PEDRO SALGADO É MAIOR QUE A TUA

78 **INSOMNIA GIRL** LAUREN BONNER

92 **BD** PROBLEMAS NO PARAÍSO

98 **INSOMNIA COVER** MARIANA & OLGA

118 **REPORTAGEM** APJ: AS MOTOS PORTUGUESAS

122 **INSOMNIA GIRL** MARISA PAPEN

134 **ENTREVISTA** SAMUEL ÚRIA SÓ SABE CRESCER

138 **INSOMNIA GIRL** MIA

150 **VIAGEM** WADI RUM: O VALE DA LUA

153 **BAR | RESTAURANTE**

154 **ALGO BOM** MALT: ALL ABOUT BEER

157 **FOLLOW ME** DIANA MONTEIRO

158 **HUMOR** DE PEDRO PEDROSA

NA CAPA
MARIANA SANHÁ E **OLGA DE MAR** FOTOGRAFADAS POR ANA DIAS.

insomnia

MAGAZINE

/INSOMNIA
MAGAZINE
ONLINE

@INSOMNIA
MGZINE

@INSOMNIA
_MAGAZINE

ilustração
MATU SANTAMARIA

A beleza da manequim portuguesa Sara Sampaio trouxe-lhe um prestígio internacional notável, que inclui o título de *'Angel'* da marca Victoria's Secret.

Foto: Ismael Prata

UM ANJO NA TERRA

Aos 25 anos, Sara Sampaio é já a manequim portuguesa mais prestigiada de sempre. O beleza etérea e o talento deste anjo sem asas tanto nos inspira como nos tira o fôlego.

POR ANDRÉ VIDIGAL

Ter tempo para dormir é um dos luxos que escapa a muitas celebridades e personalidades de sucesso mediático. E aos anjos. Estes também parecem não dormir, velando pelas vidas e percursos dos homens e mulheres comuns, os tais 'anjos da guarda'.

A manequim Sara Sampaio será o anjo a quem o sono foge por razões diferentes: devido à entrega, trabalho e solicitação que tem das mais diversas áreas e de todos os cantos do planeta. Após ser nomeada *'Angel'* da Victoria's Secret, o nome dado ao restrito grupo de modelos da marca, a manequim portuguesa terá tido esta espécie de elevação a um estatuto mais etéreo, de um prestígio internacional onde sabemos estar Cristiano Ronaldo, Beckam e as *'Angels'* que desfilaram antes dela: Naomi Campbell, Heidi Klum, Laetitia Casta. Quando se está na *passerelle* da semana da moda em Paris, se é capa da Maxim Americana, Vogue Espanhola e a figurar na Sports Illustrated Swimsuit Issue, as horas de sono tendem a escassear.

Apesar do prestígio internacional inegável, há algo na manequim que nos remete para a beleza natural da *girl next door*, que de ganga e *t-shirt* expõe a sua figura sensual e o sorriso aberto. A miúda magra que entrou em matemática aplicada, que poderíamos ter visto no supermercado do bairro, ainda acabada de acordar e que, mesmo despenteada, transparece a tal beleza crua que os comuns mortais invejam. E em cima duma prancha de *surf*, ou no festival Coachella com uma *t-shirt* dos Guns n' Roses, concluímos que afinal de contas os anjos andam no meio de nós sem asas ou simplesmente são humanos. Ainda há poucos meses no Twitter, Sara confessava ter ataques de ansiedade, lembrando-nos que não há elevação ao sublime para pessoas de carne e osso. Só com muito trabalho, persistência e exigência, se pode potenciar aquilo que se tem naturalmente. Qualidades de uma mulher de talento e não de um anjo, portanto. ●

PORTUGAL VENCE WORLD PHOTO CUP

Cores nipónicas mudam para verde e vermelho na competição World Photo Cup 2017. Pela segunda vez consecutiva, Portugal sai vitorioso.

POR JOANA CLARA

Os Da Weasel bem que diziam que somos "grandes, gigantes, com dez metros de altura". Nós, portugueses, podemos até não falar 20 línguas e dialetos de ternura, mas batemos mais de 25 países no World Photo Cup (WPC), no Japão, repetindo assim a dose do ano passado.

Entre profissionais de imagem conceituados, foi a equipa de fotógrafos portugueses que, no final, levou para casa o título-mor desta competição internacional. Neste campeonato do mundo, que não se disputa dentro de quatro linhas, mas ao redor de um *frame* com quatro lados, os criativos propostos por cada país concorrem individualmente a uma miríade de categorias. Mais tarde, os seus resultados pessoais entram na classificação de grupo, consoante a seleção que envergam.

Rui Teixeira, presidente da Associação Portuguesa de Profissionais de Imagem confessou o seu orgulho no trabalho nacional. "Arrecadado por um país tão pequenino como o nosso, este prémio só mostra que somos grandes no que fazemos", rematou.

Os 15 talentos portugueses concorreram às seis categorias da última edição do WPC. Diogo Freitas, José Almeida e João Carlos debateram-se na categoria "Fotografia Comercial", ao passo que Carlos Resende, Daniel Rodrigues e Nuno Sá foram os nomes destacados nas categorias de "Natureza", "Paisagem" e "Vida Selvagem". Por outro lado, a secção de "Ilustração e Arte Digital" acolheu os trabalhos de José Almeida, Diogo Freitas e Diamantino Jesus, enquanto que a de "Retrato" viu figurar os autores Diamantino Jesus, Fernando Branquinho e André Brito. Para a categoria "Reportagem e Fotojornalismo" foram submetidos trabalhos de José Ferreira, António Tedim e Rui Palha; e, por fim, na área de "Casamentos", Miguel Matos, Nelson Marques e Pedro Vilela viram o seu trabalho ser analisado ao pormenor.

A grande notícia? Uma medalha de bronze a título individual para o fotógrafo José Almeida, na categoria "Ilustração". Ah, e batemos dois dos gigantes mais temidos, EUA e Rússia. Somos ou não somos verdadeiros colossos?

Foto: André Brito

TUDO A NU NA NOVA PLAYBOY

A icónica marca regressa às raízes.

Quem disse que a Playboy era apenas entretenimento masculino estava redondamente enganado. Até porque a mítica revista acaba de se despedir do *slogan* da capa – por muitos considerado limitador e pouco versado na luta contra a dicotomia de géneros. Mas o número de março da publicação traz consigo outra grande novidade: o aguardado regresso do nu integral das modelos, linha editorial das sessões fotográficas abandonada em 2015. Voltar às origens foi uma decisão anunciada por Cooper Hefner; a razão está no facto de a equipa acreditar que a nudez é algo de normal nos dias que correm e que a renúncia da mesma foi um erro. Na capa desta edição figura Elizabeth Elam e no interior temos entrevistas a Van Jones e Scarlett Johansson. A cereja no topo do bolo? O retorno da secção 'piadas para festas'.

Aeroporto CR7

Não é apenas em campo que Cristiano Ronaldo triunfa, sempre rumo ao sucesso. O Aeroporto Internacional da Madeira vai ser batizado com o nome do jogador da Seleção Nacional de Futebol e do Real Madrid.
O anúncio não é recente e data de julho do ano passado, altura em que abria a primeira unidade hoteleira do Grupo Pestana CR7 no Funchal, em parceria com o craque.
Aos 32 anos, o nome de Cristiano Ronaldo tem agitado as relações entre a Madeira e Lisboa. O Ministério do Planeamento e das Infra-estruturas tem questionado a legitimidade do governo madeirense para atribuir o seu nome à obra, o que tem atrasado o batismo do aeroporto.
Polémicas à parte, Cristiano Ronaldo parece continuar a marcar golos decisivos no futuro de Portugal.

ÓSCAR LUSITANO

Há selva nos Óscares: Rugiu-se em português na entrega dos mais importantes prémios de cinema.

Há sangue lusitano a correr na estatueta dourada de 2017 para "Melhores Efeitos Visuais"; tudo porque Fonzo Romano, um português de 27 anos a viver em Londres, integra a equipa que produziu o *remake* da longa-metragem de animação da Disney, O Livro da Selva. Inspirado na coleção de sete contos do escritor Rudyard Kipling, esta aventura épica, conduzida novamente ao grande ecrã, narra a história de Mowgli, um bebé indefeso que é abandonado em plena selva indiana. A páginas tantas é acolhido pela pantera Baguera e criado no seio de uma alcateia, rodeado dos mais selvagens animais. De espírito livre e guerreiro, Mowgli adota os vários hábitos da sua família adotiva, em jeito de sobrevivência. Ao lado do urso Balu, o seu fiel companheiro de peripécias, experencia a liberdade da Mãe-natureza, mas também enfrenta a venenosa piton Casca. No filme de 2017 tudo é feito com animação, à excepção de Mowgli, e é nessas imagens animadas que está instilado o talento de de um jovem português. Bravo!

HERB RITTS EM EXPOSIÇÃO

Centro Cultural de Cascais recebe a obra fotográfica do conceituado artista norte-americano.

Lembra-se de dançar ao som de 'Wicked Game' de Chris Isaak e de sonhar com os hipnotizantes olhos azuis da modelo Helena Christensen? Sabia que esse *videoclip* de 1990 foi realizado pelo fotógrafo norte-americano Herb Ritts? Este criativo faleceu em 2012, em Nova Iorque, a sua terra natal, aos 50 anos, mas a sua carreira tornou-se eterna através dos seus retratos de celebridades a preto e branco. Da música à moda internacional, Ritts captou a alma de Madonna, de Michael Jackson, de David Bowie, de Tina Turner e de Elizabeth Taylor, mas também fez com que desfilassem sob o olhar atento da sua objetiva nomes como Dalai Lama, Monica Lewinsky e Jack Nicholson, na altura caracterizado de Joker, personagem que interpretou no cinema a convite de Tim Burton.
A partir de 8 de setembro, parte do seu inspirador espólio irá figurar no Centro Cultural de Cascais, numa exposição que contará com mais de cem registos fotográficos, entre eles memórias das suas expedições a África e trabalhos relacionados com a relação corpo/nudez.

Foto: Herb Ritts

PORTUGUESA distinguida

Violeta Santos Moura, que já colaborou com a agência Lusa e com o jornal Público, figura na lista de 34 mulheres fotojornalistas contemporâneas mais inspiradoras, elaborada pela célebre revista de notícias norte-americana Time.
"34 vozes de todo o mundo" é o título deste rol de repórteres documentais, destacados por fotojornalistas, curadoras e diretoras de fotografia, que foi dado a conhecer pela diretora de fotografia desta conceituada publicação internacional, no início do mês de março.
Kira Pollack confessou mostrar-se estupefacta com a diminuta percentagem de participações de mulheres no mais prestigiado concurso de fotojornalismo, o World Press Photo, que ronda apenas os 15% na sua totalidade; assim sendo, este reconhecimento pretende vir a ser um incentivo para a apresentação de futuros trabalhos de investigação.
A portuguesa Violeta Santos Moura foi descrita pela fotógrafa Tali Mayer como alguém que "capta os ventos silenciosos da mudança na sociedade israelita". Além disso, salientou que "o seu olhar aprofundado sobre estes assuntos revela uma nova perspetiva feminina. O seu ponto de vista singular contribui para compor uma variedade de assuntos que conduzem o observador ao clímax visual das suas imagens".

EVARISTO, TENS CÁ DISTO de Pepe del Rey

André Allen Anjos, de 32 anos, venceu o Grammy de "Best Remixed Recording" (Melhor Gravação Remisturada), tornando-se assim no primeiro português a ser distinguindo com este troféu.

© DR

GRAMMY.PT

André Allen Anjos é o primeiro português a conquistar a estatueta mais cobiçada do mundo da música.

POR ANDRÉ VIDIGAL

Até fevereiro deste ano, poderíamos afirmar com grande segurança que muito pouca gente em Portugal conhecia o nome deste produtor de música português a viver nos Estados Unidos. Talvez alguns consumidores mais afincados da música *pop*/electrónica já tivessem tropeçado nos seus *remixes* e desses, apenas uma pequena fração se terá apercebido que por trás de RAC (Remix Artists Collective), nome com que assina os *remixes*, estava um jovem do Porto chamado André Allen Anjos.

Mas aconteceu que, no início deste ano, o Grammy "Best Remix Recording", para o tema de Bob Moses 'Tearing Me Up', lhe chegou às mãos, para surpresa de todos os que nunca tinham ouvido falar dele. Mas só para esses terá sido uma surpresa, porque o produtor já tinha sido nomeado no ano anterior e o trabalho de remistura de bandas como os Foster The People, Two Door Cinema Club, Yeah Yeah Yeahs, Kings of Leon, Lana del Rey e Radiohead já mostrava um trabalho coerente, sólido e profissional.

Será certamente mais fácil encontrar o trabalho de André associado a RAC, um coletivo desmembrado, que é agora apenas e só o produtor André Allen Anjos.

Mas não se pense que é só atrás da mesa de mistura que André se sente confortável. É músico desde cedo e assina trabalho em nome próprio sempre com um som *pop* dançável e contagiante.

A linha de baixo de 'Let Go' vicia e o refrão fica na cabeça, deixando claro que o Grammy não distinguiu um trabalho meramente técnico, mas sim alguém com uma visão musical e estética muito bem definida, que consegue elevar e trazer algo novo aos temas que remistura. (E que é obviamente confirmado nos seus originais).

É quase certo que como RAC, nome próprio ou associado a qualquer outro projeto ou artista, André Allen Anjos é um nome que virá à baila no futuro. Aliás, o seu próprio nome sugere musicalidade na aliteração do "A". Nada é por acaso; este português é musical em todos os sentidos da palavra e o Grammy foi só o *wake up call.* ●

AGENDA

Já dizia Ferris Bueller: "Life moves pretty fast. If you don't stop and look around once in a while, you could miss it."
Aproveite o que a vida tem de bom. Agora é o momento!

POR RAQUEL COMPRIDO

SINES TALL SHIPS FESTIVAL

FESTIVAL NAVAL •
28 DE ABRIL A 1 DE JUNHO

Entre 28 de abril e 1 de maio, Sines acolhe os navegadores da *Rendez-vous 2017 Tall Ships Regatta*, uma regata de grandes veleiros que começará no Reino Unido e passará por França, Portugal (Sines), Espanha, Bermuda, Estados Unidos e irá finalizar no Canadá.
Será um festival em terra e no mar, com a presença de dezenas de veleiros de todo o mundo, que incluirá visitas às embarcações, desfiles dos tripulantes, concertos, fogo de artifício e outras iniciativas num recinto de entrada livre.

VÁRIOS ESPAÇOS – SINES
WWW.APORVELA.PT

INDIELISBOA

FESTIVAL DE CINEMA INDEPENDENTE •
3 A 14 DE MAIO

Este festival, referência no que toca a cinema de autor, decorrerá de 3 a 14 de maio na Culturgest, no Cinema S. Jorge, na Cinemateca Portuguesa – Museu do Cinema e no Cinema Ideal. A programação completa desta 14.ª edição, que para além dos filmes incluirá debates, conferências, ateliês, *masterclasses* e concertos, será divulgada a 4 de abril no *website* do festival e nas redes sociais.

VÁRIOS ESPAÇOS – LISBOA
WWW.INDIELISBOA.COM

QUEIMA DAS FITAS DE COIMBRA

FESTIVIDADE ESTUDANTIL •
5 A 12 DE MAIO

A mais antiga semana académica do país, a Queima das Fitas de Coimbra, é um ponto de referência para os jovens, os estudantes e os festivaleiros que atrai milhares de pessoas às serenatas e bailes, oferecendo muita música e diversão. A festa acaba sempre com um espetáculo de alegria e cor, com carros alegóricos cheios de estudantes saudando a multidão, terminado na baixa da cidade.

PARQUE DA CANÇÃO – COIMBRA
WWW.QUEIMADASFITASCOIMBRA.PT

FIMFA LX

FESTIVAL DE MARIONETAS E FORMAS ANIMADAS • 11 A 28 DE MAIO

Em maio, o FIMFA traz a Lisboa marionetas e formas animadas do mundo, com a presença de artistas provenientes de vários países, que partilharão criações inovadoras e outras mais tradicionais para vários públicos. O festival irá ainda contar, à semelhança das edições anteriores, com exposições e *workshops* relacionados com o universo das formas animadas.

VÁRIOS ESPAÇOS – LISBOA
WWW.FIMFALX.BLOGSPOT.PT

HUMAN FEST PORTO

FESTIVAL DE DESENVOLVIMENTO PESSOAL • 12 A 14 DE MAIO

A 2.ª edição do Festival Human Fest Porto vai chegar ao Pavilhão Rosa Mota – Palácio de Cristal, na cidade invicta. Uma ampla variedade de *workshops*, aulas, terapias, espetáculos de música e dança, concertos, palestras, mostras de artesanato, artes plásticas e literatura estão à sua espera neste evento singular.
Venha conhecer os vários aspetos que fazem parte do universo da alimentação natural, da saúde, da medicina complementar e terapias Integrativas, da ecologia e do desenvolvimento pessoal.

PAVILHÃO ROSA MOTA – PORTO
WWW.FACEBOOK.COM/HUMANFESTPORTO

RALLY VODAFONE DE PORTUGAL

AUTOMOBILISMO • 18 A 21 DE MAIO

A prova do Automóvel Club de Portugal celebra este ano 50 anos de existência e esta será a 6.ª jornada do Campeonato do Mundo de Ralis de 2017. Uma das maiores novidades desta edição do evento é o *Braga Street Stage*, uma especial de classificação que vai decorrer a 19 de maio em pleno centro histórico da capital minhota.

VÁRIOS LOCAIS
WWW.RALLYDEPORTUGAL.PT

SERRALVES EM FESTA

FESTIVAL DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA CONTEMPORÂNEA • 3 E 4 DE JUNHO

Com a presença de artistas nacionais e nomes oriundos de todo o mundo, o Serralves em Festa é o maior festival de expressão artística contemporânea em Portugal e um dos maiores da Europa, ponto de passagem obrigatório para dezenas de milhares de visitantes de todas as idades ao longo de 40 horas consecutivas.
Entre as 8 horas da manhã de sábado e a meia-noite de domingo, esta festa conta com centenas de eventos para públicos de todas as idades e gerações: música, dança, teatro, *performance* e circo contemporâneo, exposições no museu, cinema, vídeo, fotografia e inúmeros *workshops*.

FUNDAÇÃO DE SERRALVES – PORTO
WWW.SERRALVES.PT

LISBON INVESTMENT SUMMIT

CONVENÇÃO DE INVESTIDORES E EMPREENDEDORES • 6 E 7 DE JUNHO

Se és empreendedor, investidor ou tens uma *startup* marca já na agenda os dias 6 e 7 de junho. Uma conferência dedicada à promoção do investimento e co-investimento no meio empreendedor. Esta será a 6.ª edição do evento e decorrerá durante dois dias em Lisboa com a presença das maiores *startups* portuguesas e europeias e com investidores nacionais e Europeus.

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DE LISBOA – LISBOA
WWW.LIS-SUMMIT.COM

NOS PRIMAVERA SOUND

FESTIVAL DE MÚSICA • 8 A 10 DE JUNHO

O NOS Primavera Sound é o homólogo português do festival que se realiza em Barcelona há 14 anos. Depois do sucesso das anteriores edições, é paragem obrigatória no panorama dos festivais de música europeus.
Bon Iver, Aphex Twin, Justice, Run the Jewels, Nicolas Jaar e Skepta são cabeças de cartaz da edição deste ano do festival. Bon Iver irá apresentar os temas do seu mais recente “22, a Million”, Metronomy estará a representar o *pop* eletrónico e Richie Hawtin a fazer os presentes abanar o esqueleto.

PARQUE DA CIDADE – PORTO
WWW.NOSPRIMAVERASOUND.COM

ANA DIAS – PLAYBOY WORLD

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIA •
16 DE JUNHO A 16 DE JULHO

Depois da exposição de fotografia dedicada ao percurso da fotógrafa Ana Dias no mundo da Playboy ter estreado no Casino Lisboa, em janeiro de 2016, é a vez do Casino da Figueira da Foz apresentar uma representativa seleção de trabalhos da fotógrafa.
A exposição reúne variadas imagens captadas nos últimos anos pela artista portuguesa, no âmbito de colaborações com dezenas de edições internacionais da revista Playboy, bem como fotos captadas para o seu *web show “Playboy Abroad: Adventures with Photographer Ana Dias*”, que pode ser visto em playboy.com.

CASINO FIGUEIRA – FIGUEIRA DA FOZ
WWW.CASINOFIGUEIRA.PT

FIA – LISBOA 2017

FEIRA DE ARTESANATO •
24 DE JUNHO A 2 DE JULHO

A FIA LISBOA – Feira Internacional do Artesanato é uma feira de artesanato, gastronomia tradicional, atividades culturais e turísticas, artes e *design* que pretende divulgar produtos regionais e dar a conhecer micro e pequenas empresas. Haverá numerosas exposições de participantes individuais como artesãos, *designers*, *startups* e e tasquinhas, entre tantos outros, e também participações coletivas e internacionais. Entre os setores em exposição poderá encontrar produtos de cerâmica, vegetais, peles e couros, madeira e cortiça, restauro de bens, entre inúmeros outros.

FIL – LISBOA
WWW.FIALISBOA.FIL.PT

SUMOL SUMMER FEST

FESTIVAL DE MÚSICA •
30 DE JUNHO A 1 DE JULHO

A dose repete-se para os apaixonados pela praia, pelo mar e pela boa música. O Sumol Summer Fest decorrerá na Ericeira em pleno Verão e promete! Sean Paul e vários outros irão presentear-nos com muita música e dança, num fim-de-semana que se intitula a si próprio de “*Wild*”. O passe de dois dias com *camping* já está à venda no *website* do festival.

ERICEIRA CAMPING – ERICEIRA
WWW.SUMOLSUMMERFEST.COM

PRÉMIO PULITZER

Lynsey Addario

É ISTO QUE EU FAÇO

Uma vida de amor e guerra

MARCADOR

FESTIVAL DE TEATRO DE ALMADA

FESTIVAL DE TEATRO • 3 A 17 DE JULHO

Este é o festival de teatro mais prestigiado do país e terá em 2017 a sua 34.ª edição. Apesar de ainda não haver cartaz confirmado, a qualidade das edições anteriores permite-nos assinalá-lo como um dos eventos incontornáveis do ano. São dezenas de espectáculos que sobem a palco mostrando o que de mais novo se faz no panorama nacional e internacional. Além dos espetáculos no palco, contempla exposições, debates e conferências.

VÁRIOS ESPAÇOS – ALMADA E LISBOA
WWW.CTALMADA.PT

NOS ALIVE'17

FESTIVAL DE MÚSICA • 6 A 8 DE JULHO

O NOS Alive, organizado pela Everything Is New e patrocinado pela NOS, realiza-se anualmente no Passeio Marítimo de Algés, em Oeiras. Este ano o festival conta com nomes como The Weeknd, Ryan Adams, Foo Fighters, The Kills, Tiago Bettencourt, Depeche Mode, Imagine Dragons, entre imensos outros nomes célebres no mundo musical. Não perca! O passe de três dias já esgotou!

PASSEIO MARÍTIMO DE ALGÉS – LISBOA
WWW.NOSALIVE.COM

SUPER BOCK SUPER ROCK

FESTIVAL DE MÚSICA • 13 A 15 DE JULHO

Este festival de música já dispensa apresentações. Começou em 1995 e é, atualmente, um dos mais importantes festivais na doce Lisboa. Entre os nomes em cartaz para este ano estão Red Hot Chili Peppers, Deftones, Tyler - the creator , Seu Jorge, Capitão Fausto, entre muitos outros.

PARQUE DAS NAÇÕES – LISBOA
WWW.SUPERBOCKSUPERROCK.PT

EDP COOL JAZZ

FESTIVAL DE MÚSICA • 19 A 29 DE JULHO

O EDP Cool Jazz Fest Cool Energy volta para mais uma edição e promete marcar a diferença nas noites quentes de verão. Um festival inovador que aposta na fusão de sonoridades, passando pelo *jazz*, *soul*, *blues* e *funk*.
Esta edição contará com concertos de artistas como Jamie Cullum, Jamie Lidell & The Royal Pharaohs, Jake Bugg, Maceo Parker e The Pretenders.

VÁRIOS ESPAÇOS – OEIRAS
WWW.EDPCOOLJAZZ.COM

MEO SUDOESTE

FESTIVAL DE MÚSICA • 1 A 5 DE AGOSTO

Chega mais uma edição do maior festival de verão da Zambujeira do Mar e esta é muito especial. O MSW celebra a sua 20.ª edição e promete cinco dias intensos com grandes nomes da música como The Chainsmokers, DJ Snake, Martin Garrix, Richie Campbell e muitos mais.

HERDADE DA CASA BRANCA – ZAMBUJEIRA DO MAR
WWW.SUDOESTE.MEO.PT

BONS SONS

FESTIVAL DE MÚSICA PORTUGUESA • 11 A 14 DE AGOSTO

O Bons Sons é o festival de música portuguesa que ocorre na aldeia de Cem Soldos, em Tomar. Mas é mais do que um festival de música portuguesa, é uma experiência envolvente em que os habitantes da aldeia acolhem e servem os visitantes, numa partilha especial e íntima entre quem recebe e quem visita.
Nesta 7.ª edição do Bons Sons, passarão pelos vários palcos do festival numerosos projetos musicais de grande qualidade como Rodrigo Leão, Orelha Negra, Mão Morta, Capitão Fausto, Samuel Úria, Paulo Bragança, Virgem Suta, Frankie Chavez, Né Ladeiras, Medeiros/Lucas e muitos outros.

CEM SOLDOS – TOMAR
WWW.BONSSONS.COM

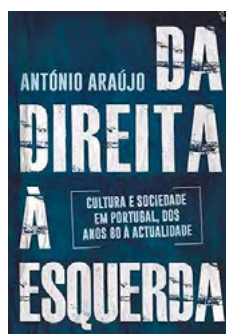
AMÉRICA DEBILITADA

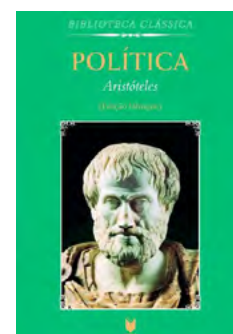
Como tornar a América grande outra vez, nas palavras de Donald Trump. Os ideais, projetos e carreira do polémico presidente dos Estados Unidos.

POR LUÍS SANTOS

Quase mais impressionante do que chegar a presidente da maior potência mundial, é a capacidade de Donald Trump para editar um livro do qual se sai mais ignorante do que se entra. Chegar ao final das 208 páginas do seu livro "Great Again" requer um enorme espírito de sacrifício e de missão.
A leitura deste livro deixa bastante claro que, ao contrário do que muita gente repete, Donald Trump tinha um programa de campanha e governo muito explícito há mais de dois anos. As ideias sobre imigração (incluindo o muro), saúde, protecionismo, veteranos e política externa estão todas presentes, e apresentadas nos mesmos moldes que foram utilizados na campanha eleitoral. Tanto no conteúdo como na forma. Está patente todo o narcisismo e megalomania do presidente, bem como a total inconsciência sobre o que é necessário política e legalmente para implementar medidas desta natureza.
E porque este livro foi escrito em 2015, e lido por milhões de pessoas, a eleição de Trump revela duas coisas sobre o eleitorado americano. A primeira, e mais óbvia, é que o eleitorado estava de facto exausto da elite política nacional a ponto de eleger um elitista degenerado mal disfarçado de anti-elitista populista. A segunda, menos óbvia mas agora evidente, é o desconhecimento do eleitorado sobre o próprio sistema político americano, que foi construído não com o intuito de ajudar a eleger os melhores, mas sim com o intuito de evitar os danos decorrentes do governo dos piores. Como não poderia deixar de ser, ao final de dois meses, a governação de Trump está "num buraco" (The Economist) travado nos tribunais, no senado e na sociedade civil. E é isso que faz a América Grande, apesar de todos os seus defeitos.

LARRY DIAMOND
Authoritarianism Goes Global

Esta análise sobre novas tecnologias e metodologias utilizadas pelos principais regimes autoritários é um susto. A primeira parte apresenta as cinco maiores potências autoritárias: China, Rússia, Irão, Venezuela e Arábia Saudita. A segunda parte, descreve o seu arsenal: desestabilização das democracias liberais, repressão à sociedade civil, manipulação dos *media* e eleições, e ciberterrorismo.

ANTÓNIO ARAÚJO
Da Direita à Esquerda

António Araújo, mestre em Direito e Doutor em História é autor do aclamado *blogue* Malomil. O "Da Direita à Esquerda" poderia ser também chamado "De Alto a Baixo', pois arrasa o panorama nacional dos anos 80 até à geringonça. A caracterização dos estereótipos que se auto regulam pelo lugar que ocupam na linha horizontal é mordaz. *"Para além de ser estúpido, apanhar Pokemons é de direita ou de esquerda?"*

ARISTÓTELES
Política

A virtude desapareceu, não só da arena pública, mas também do desejo do eleitorado. País após país, vota-se no ignóbil populista, como forma de protesto, como se não houvesse nada a perder (erro!). Eis que surge uma edição bilingue, da obra prima da Política, para nos relembrar dos traços de prudência, temperança, justiça e coragem que outrora se exigiram aos governantes, e que tanta falta fazem agora.

para ouvir

opinião

A GENTE VAI CONTINUAR!

Após a tragédia da perda do elemento fundador e baixista Bruno Simões, os Sean Riley & The Slowriders continuam a celebrar o que construíram juntos.

POR JOÃO NUNO SILVA

Começaram como quem se despede, 'Farewell' marcou o nascimento de uma banda ímpar que ainda lançou 'Only Time Will Tell' e 'It's Been A Long Time' também em anos ímpares. Uma espécie de conjugação de astros que é como quem diz RUC – Rádio Universidade de Coimbra, juntou o escritor de canções Afonso Rodrigues (que as assinava como Sean Riley) que, reza a lenda, teria algumas cinquenta delas, escritas e guardadas em local seguro, com Filipe Costa e Bruno Simões.
A soma destes três elementos, a quem mais tarde se juntou Filipe Rocha, criou aquela tempestade perfeita que são os Sean & The Slowriders.
Depois de um pequeno interregno, em que se dedicaram a projectos pessoais, voltaram a ir para estúdio e, em 2016 lançaram o seu quarto álbum, que leva o nome da banda. Sem nunca se repetirem, foram criando um imaginário próprio que tem cativando cada vez mais admiradores.
No início de junho de 2016, quase que tudo ia caindo por terra. O desaparecimento nefasto do Bruno arrasou tudo e todos. Mas, em boa hora, decidiram continuar com a banda e convidar o Nuno Filipe que já nalgumas situações tinha substituído o *King B*, como lhe chamavam e homenagearam, nos concertos que fizeram após o seu desaparecimento. Tiro do jornal Público esta brilhante citação: "O Bruno não está cá e provavelmente não está em lado nenhum. Não sei se está a olhar para nós e isso não interessa. Interessa estes dez anos maravilhosos que vivemos com ele. Tudo isto aconteceu por causa dele e a única coisa que eu sei é que, se ele pudesse escolher, ia fazer esta música para sempre e ia estar para sempre connosco a tocá-la. De cada vez que tocamos estas músicas, ele está lá".
A melhor homenagem de todas que lhes podemos fazer, é ouvir os seus discos e encher os seus concertos. É nossa obrigação retribuir a força que eles nos dão com a qualidade da sua música.

DIABO A SETE
Figura de Gente

Pegar no tradicional e adaptá-lo às linguagens modernas não é tarefa fácil, mas é uma arte que os Diabo a Sete vêm desenvolvendo. Neste terceiro álbum, fazem-no quase na perfeição.
É também com este disco que estreiam a nova vocalista Sara Vidal. Uma mais-valia.
Os jogos de palavras e de sons são uma imagem de marca que tanto apelam à dança festiva como à introspecção e nos levam para outras paragens bem agradáveis.
Acima de tudo há que ouvir para ficar a conhecer melhor esta banda que nos vai brindando com maravilhas musicais que não podemos perder.

GALO CANT'ÀS DUAS
Os Anjos Também Cantam

Hugo Cardoso e Gonçalo Alegro, ou os Galo Cant'Às Duas, acabam de lançar Os Anjos Também Cantam, título irónico para um EP que se recomenda.
As vozes são as da guitarra e da bateria que põem Viseu, de onde são, no mapa musical e mostram que há muita vida para lá de Lisboa e Porto. Fazedores de um *Post-Space-Rock* que os distingue, somos obrigados a dar-lhes a máxima atenção. Têm potencial para muitas coisas boas! A cada audição vai-se descobrindo um novo pormenor, cada vez mais cativante. Eles vão longe e levam-nos longe.

SEÑORITAS
Acho Que É Meu Dever Não Gostar

É nosso dever gostar deste disco!
Com sonoridades e letras por vezes negras e cruas, Mitó e Sandra Batista levam-nos por um imaginário do qual queremos fazer parte. Com momentos quase *punk*, outros que misturam algum minimalismo electrónico, é com a soma às letras que se revela a força da sua música.
Monotonias, hábitos, rezas, confissões, medos, desabafos, manifestos, raivas, saudades, dores e amores, por aqui há de tudo um pouco.
É um daqueles discos que se vai poder ouvir ao longo dos anos, pois tudo nele é eterno.

Foto: KID Richards

GHOST IN THE SHELL

A versão norte-americana da aclamada manga de Masamune Shirow da década de 90 chega ao cinema com Scarlett Johansson no papel de cyborg *justiceiro. Uma história futurista sobre o corpo, a alma e o que faz de nós humanos.*

POR SOFIA SANTOS

Baseado na aclamada *manga* japonesa, Ghost in the Shell de Masamune Shirow, o filme de Rupert Sanders chega aos cinemas nacionais com o título Ghost in the Shell - Agente do Futuro.
Cabe a Scarlett Johansson ser a protagonista desta história de características *cyberpunk*. Johansson é Motoko Kusanagi que tem o *nickname* de *The Major* e é a primeira do seu género: uma humana que foi salva de um terrível acidente e que foi tecnologicamente alterada para "reencarnar" como uma super soldado e líder da equipa de elite intitulada Section 9 - uma *task force* dedicada a parar os mais perigosos criminosos e extremistas.
Quando o terrorismo alcança um novo patamar, que inclui o acesso e controlo da mente de inocentes, *Major* é a única capaz de enfrentar este crime. No entanto, ao longo deste processo, a personagem interpretada por Scarlett Johansson começa a perceber que a vida que tem e que lhe deram não corresponde bem à verdade que conhece. Na verdade a mulher não foi salva, foi roubada, "escravizada". Com esta nova verdade, *Major* não vai parar até descobrir todo o seu passado e deter os culpados, evitando que façam o mesmo a outros. Ghost in the Shell explora o que significa ser humano. Quando se pode copiar consciência de um corpo para outro deixamos de ser humanos? É o corpo ou a mente ou ambos que fazem de nós quem somos? O mundo de Ghost in the Shell tenta abordar questões reais num mundo tecnologicamente avançado.
O filme foi escrito por Jonathan Herman e Jamie Moss e, no elenco, além de Scarlett Johansson conta com as participações de Michael Wincott, Michael Pitt, Juliette Binoche, Rila Fukushima, Pilou Asbæk, Chin Han e Takeshi Kitano.

Em Ghost in the Shell - Agente do Futuro, o papel de Motoko Kusanagi, *aka The Major*, um *cyborg* em busca de respostas, é desempenhado pela atriz Scarlett Johansson.

tv
opinião

IRON FIST

Marvel e Netflix unem esforços para trazer o herói para o pequeno ecrã.

POR SOFIA SANTOS

A parceria Marvel / Netflix teve bons resultados com Daredevil, já com Jessica Jones e Luke Cage, o entusiasmo da crítica e do público não foi o mesmo. Está a chegar a hora de Iron Fist ser colocado à prova. O objetivo desta apresentação a solo das míticas personagens é preparar a reunião de todos os heróis numa única série intitulada The Defenders.
Iron Fist ficou sob tutela de Scott Buck que tem no *curriculum* a produção de séries populares como Six Feet Under e Dexter. A série Marvel / Netflix será composta por 13 episódios de uma hora de duração cada.
De acordo com a sinopse oficial, Iron Fist contará a história do multimilionário *Danny Rand* (Finn Jones) que regressa a Nova Iorque depois de ter estado desaparecido durante anos numa tentativa de se ligar ao seu passado e ao seu legado familiar. O seu conhecimento de *kung-fu* e a sua habilidade de convocar os poderes de Iron Fist permitem a *Rand* controlar o crime na cidade em que nasceu.
Do elenco fazem ainda parte Jessica Henwick como *Colleen Wing*, David Wenham como *Harold Meachum*, Jessica Stroup como *Joy Meachum* e Tom Pelphrey como *Ward Meachum*. Carrie-Anne Moss, que participou em Jessica Jones, repetirá o seu papel como a advogada *Jeri Hogarth*.

gaming
opinião

NINTENDO SWITCH

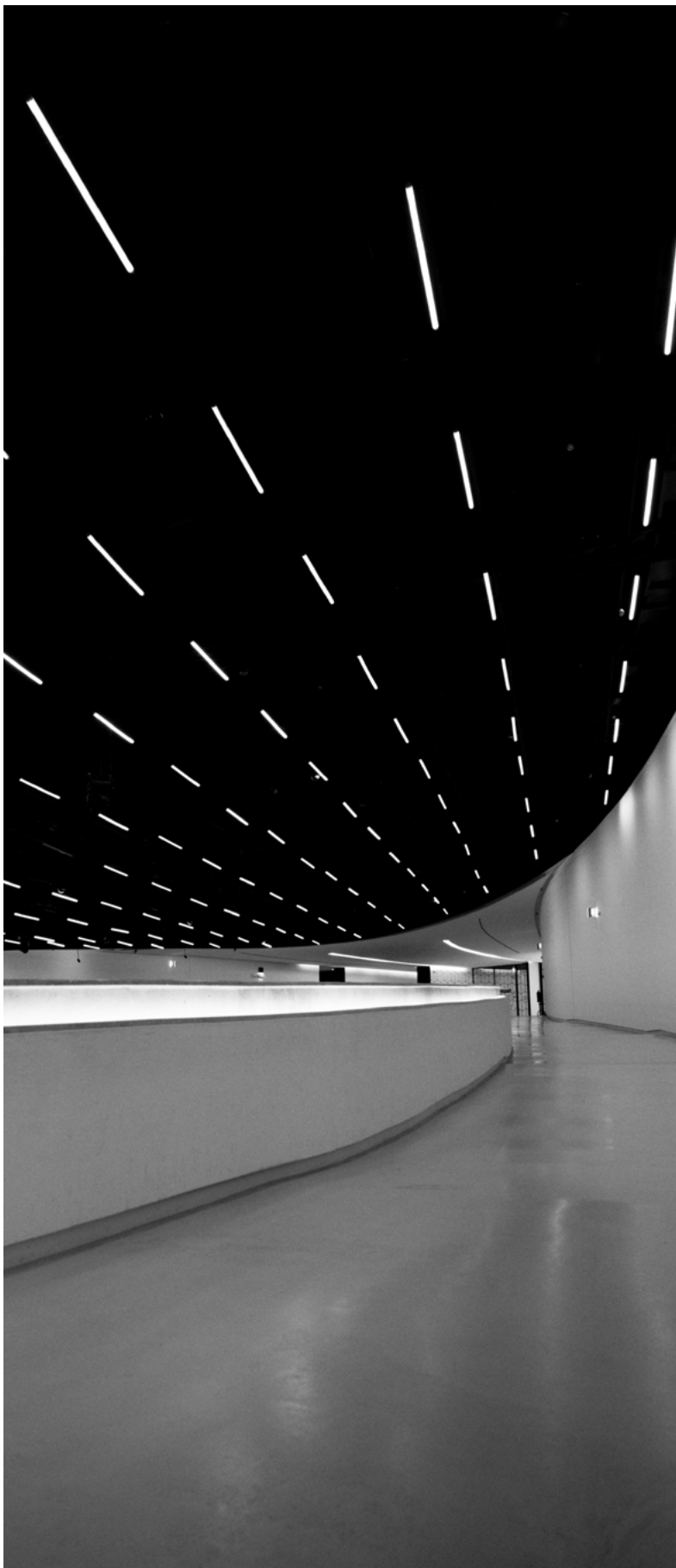
Chegou o híbrido entre a consola fixa e a portátil.

POR FILIPE MAGALHÃES

Dia 3 de março marcou o lançamento da muito antecipada Nintendo Switch!
A ideia é simples: um sistema híbrido que se jogue tão bem em casa como na rua. A forma como quiserem jogar está literalmente nas vossas mãos. E apesar do conceito cativante, a impressão inicial é que a Switch não faz nenhuma das duas sem algum tipo de compromisso significativo. Como consola caseira apresenta limitações evidentes como baixa resolução, problemas de conetividade e ausência de *apps*. Como portátil, onde ela mais brilha, a baixa capacidade de armazenamento e a duração da bateria deixam a desejar. Se a isto adicionarmos o preço *premium* e os vários custos escondidos em acessórios adicionais, a sua compra nos primeiros meses torna-se num investimento arriscado. Até porque existe uma forte possibilidade de na época natalícia termos uma versão melhorada, mais completa e que irá realmente satisfazer todas as expectativas.
Por agora trata-se de uma consola experimental, de uma companhia com historial de apostas arrojadas, ainda longe do seu verdadeiro potencial. Mas se são fãs da Nintendo e dos seus jogos exclusivos nem sequer leram isto porque estão demasiado ocupados a jogar Zelda em todo o lado.

UMA VARANDA PARA O INFINITO

MAAT, o museu à beira do Tejo que não tem espaço para frestas, reinaugura em todo o seu esplendor.

POR JOANA CLARA

Uma janela para o mundo abraçada pelo Rio Tejo. O MAAT, Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, tomou a costa portuguesa de assalto, lançou os seus alicerces aos tempos modernos e fez de Belém a sua morada permanente. É perante o fulgurante pôr-do-sol e a inconstância do oceano que banha Portugal que este edifício, concebido pela arquiteta Amanda Levete, engradece e rasga o céu.

Ao contrário da deusa egípcia Maat, que representa a ordem cósmica e social, este lugar artístico vai contra todas as regras da retidão. É um permanente manifesto pela arte e pela loucura da distorção. O novo museu da EDP teve uma pré-inauguração no início de outubro passado, um marco histórico que almejou coincidir com a Trienal de Arquitetura de Lisboa. Entretanto, a fundação encerrou as portas para obras a 6 de fevereiro, em jeito de preparação para a receção de exposições mais paradigmáticas e filosóficas. Com esta mudança surge também uma novidade menos abonatória para os bolsos do povo português: entradas pagas.

Utopia/Distopia – Mudança de Paradigma, um dos mais recentes trabalhos a formar lar em Belém, ocupa as quatro galerias, sendo que numa delas, a alternativa Galeria Oval, o artista mexicano Héctor Zamora destruiu ao vivo sete embarcações de pesca nacionais, desde traineiras a lanchas de madeiras de Sesimbra, Ericeira, Figueira da Foz, Aveiro e Nazaré, com marretas, martelos e machados. Na obra Ordem e Progresso, a simbiose com a áurea época dos Descobrimentos é evidente, mas também o é o desinteresse da Europa num dos sectores que mais maravilhas trouxe para Portugal. "Portugal não existiria sem esta relação tão íntima com o mar, uma das bases da sua cultura é a pesca, mas a indústria global e as quotas impostas pela Comissão Europeia estão a fazer desaparecer a pesca tradicional", frisa este criativo.

No andar inferior do MAAT, deparamos-mos com uma imagem da gravura que integrou o frontispício da primeira edição da obra mais emblemática de Thomas More, Utopia, que comemora 500 anos de existência. Nesta mostra, pretende-se que o público reflita sobre o momento de aceleração paradoxal que atravessamos, que provoca um misto de comoção e de otimismo. Nesse sentido, é certo que Miguel Coutinho, diretor da Fundação EDP, deseja que o MAAT se transforme "num pólo de cultura e lazer" da capital, já que, de momento, a ocupação da imponente estrutura é integral.

Se pretender passar à beira-rio e terminar com uma visita demorada ao MAAT, fique a saber que está aberto de quarta a segunda-feira, das 12h00 às 20h00, e que as entradas passarão a custar entre cinco e nove euros.

Foto: Hugo Macedo (cedida por Revista BICA)

arte

opinião

Fotos: Hugo Macedo (cedidas por Revista BICA)

O PRINCÍPIO DO FIM

Com a entrada na reta final das carreiras de dois dos maiores génios que já pisaram um relvado convém estar atento e não perder um minuto, pois o capítulo que vai decidir qual deles fica mais perto de se tornar uma lenda tem lugar já em 2018.

POR HUGO VINAGRE

Apesar de todos os feitos, títulos e recordes batidos, possivelmente não temos o devido distanciamento para conseguirmos ter noção daquilo que temos presenciado ao longo da última década. Apareceram equipas aparentemente imbatíveis, que chegaram pela primeira vez onde nunca tinham estado, como a selecção espanhola, que dominou o mundo entre 2008 e 2012. Apareceram novos candidatos ao trono, que não chegaram a conseguir manter-se lá em cima. Treinadores passaram de bestiais a bestas. Mas se em 2007 o vencedor da Bola de Ouro foi Kaká, nas nove edições seguintes só apareceram dois nomes na lista de vencedores: Lionel e Cristiano. O domínio é ainda maior ao percebermos que só numa dessas nove votações os dois lugares mais altos do pódio não foram atribuídos ao argentino e ao português. Aconteceu em 2010, quando Iniesta e Xavi se intrometeram neste duelo de gigantes, eles que em qualquer outra década poderiam ter sido vencedores. Mas não agora, mesmo com a Espanha campeã da Europa e do mundo, o prémio foi para Lionel Messi.

Melhores marcadores da história em inúmeras categorias, seja na Liga dos Campeões, onde ultrapassaram o madrileno Raúl, seja nas respetivas seleções, nem estes super-homens conseguem escapar ao passar dos anos e falta ainda a ambos o maior de todos os títulos, que pode acabar com todas as discussões. Claro que ninguém é campeão sozinho, como ficou provado com a vitória de Portugal no último Euro quando Cristiano Ronaldo, lesionado, gritava no banco ao lado de Fernando Santos, mas quando daqui a décadas, séculos, alguém olhar para eles como hoje olhamos para um nome como Di Stéfano, vai fazer a diferença o que estiver escrito na linha do palmarés que referir o melhor desempenho num Campeonato do Mundo, algo que por exemplo Maradona tem e Messi ainda não.

O próximo disputa-se na Rússia, entre junho e julho de 2018, e será provavelmente a última hipótese que ambos têm de levantar o troféu dos troféus, que apesar de toda a mediatização que hoje tem uma Liga dos Campeões continua a ser o evento que pára o mundo, seja por apenas acontecer a cada quatro anos, ou por colocar nações frente-a-frente, a verdade é que continua a ser o palco ideal para se escrever a página dourada de uma lenda.

Ainda que tenham personalidades e estilos em campo completamente distintos, existem alguns episódios pelos quais ambos passaram, desde a mudança para a grande cidade, da Madeira para Lisboa no caso do português, da Argentina para Barcelona no de Messi, muito pelo apoio que o futuro clube daria no tratamento ao seu problema hormonal que lhe afectava o crescimento. Ronaldo também não foi sempre a máquina perfeita que hoje aparenta ser, passando por uma cirurgia ao coração na adolescência que lhe permitiu continuar a jogar futebol, passando ainda por curiosidades como os momentos marcantes nas carreiras ligados a inaugurações de estádios do Euro 2004: Messi estreou-se pela equipa principal do Barcelona na inauguração do Dragão, enquanto Ronaldo fez o último jogo pelo Sporting na abertura do novo estádio de Alvalade, após impressionar toda a comitiva do Manchester United, clube que não descansou enquanto não o fez seguir viagem para Inglaterra.

Ainda que Messi seja ligeiramente mais novo, o Mundial de 2006 na Alemanha coincidiu também como o primeiro disputado por ambos. Antes disso o argentino já tinha sido feliz por duas vezes nas seleções mais jovens do seu país de nascimento, que escolheu representar apesar do assédio espanhol, onde vive desde os 13 anos. Vencedor do Campeonato do Mundo de sub-20 e Jogos Olímpicos, Messi nunca conseguiu a glória pela selecção principal, nem na Copa América, competição em que já perdeu a final por três vezes.

Já Ronaldo, depois da final perdida em 2004, a sua primeira grande competição, viria a conseguir regressar ao jogo decisivo do Campeonato Europeu em 2016, trazendo desta vez a taça para casa. Mas, em termos de Mundiais, o registo não é brilhante, com a melhor prestação a ser mesmo essa primeira em 2006, um quarto lugar. Messi esteve mais perto do troféu, perdendo a final mais recente, frente à Alemanha. Foi a primeira vez que a Argentina chegou ao jogo decisivo em 24 anos, o que ilustra a dificuldade de atingir este objetivo, que passou ao lado de gerações de craques do seu país.

Quando começar o Rússia 2018, Cristiano terá 33 anos, sendo que Messi completa o 31.º aniversário durante a prova. E se já não bastava só existir uma oportunidade a cada quatro anos, com tudo o que isso implica, logo para começar em ter a sorte de evitar uma lesão na pior das alturas, esse Mundial de 2022 tem ainda pela primeira vez uma condicionante extra: fruto da localização, o Qatar, terá lugar entre novembro e dezembro. Além de colocar logo cinco meses a mais em cima de todos os que o disputarem, implica iniciar uma nova época, dado que normalmente encerraria a de 2021/22.

Isto significa que Ronaldo iniciaria a prova a dois meses e meio de fazer 38 anos. Messi teria de começar outra época já depois de soprar 35 velas, tudo para tentar chegar bem ao Médio Oriente.

Juntos no mesmo campeonato nacional, o espanhol, desde 2009, o que fez com que a competição direta semana a semana ainda os fizesse chegar cada vez mais longe, a verdade é que já ninguém ficará muito surpreendido com o que fizerem ao serviço de Real Madrid e Barcelona, seja marcar meia dúzia de golos num jogo, ser eleito melhor do mundo (5 vezes para Messi, 4 para Ronaldo), ser o melhor marcador da Europa (aqui são 4 para CR e 3 para Leo), ou ganhar mais uma Liga dos Campeões. O argentino tem quatro e o português tem três e raro é quando os seus clubes são afastados muito antes do jogo decisivo. Aliás, depois de sete anos sem colocar os pés nas meias-finais da Champions, o Real Madrid vai na sexta temporada consecutiva a chegar sempre pelo menos a essa fase… E, como é óbvio, já lideram a tabela dos maiores goleadores de sempre da liga espanhola, ultrapassando uma marca que se mantinha desde 1955. Ou seja, com táticas mais ou menos ofensivas, entradas mais ou menos duras, certo é que o recorde esteve ali mais de meio século à disposição de todos os craques que passaram por Espanha, mas só Messi e Ronaldo é que o bateram.

Com tudo isto não é disparatado concluir que, depois de se terem defrontado pelos seus países pela primeira vez num amigável em fevereiro de 2011, o confronto final está marcado para a Rússia, não só pela competição entre ambos, como por o passar dos anos fazer com que seja a última grande oportunidade que têm para se tornarem campeões do mundo em seleções. Até porque será o quarto Mundial para ambos e até hoje apenas um jogador de campo, Lothar Matthäus, conseguiu jogar em cinco. É complicado estar no topo ao longo de vinte anos. O alemão conseguiu, mas sacrificando a sua posição em campo, muito mais recuada para se adequar à capacidade física de que dispunha no final de carreira. Depois da Rússia, o que vier nas temporadas seguintes é apenas para acrescentar ao currículo. E lucro para todos os apaixonados pelo futebol. É claro que um Neymar qualquer vai continuar a ser eleito Bola de Ouro, até porque talento, grandes jogos e grandes golos sempre existiram e não vão acabar no dia em que estes génios pendurarem as botas. Com estes números e consistência ao longo de uma década é que é mais complicado.

Ilustração: Matu Santamaria

LISTA DAS COMPRAS

Acompanhe-nos numa imaginária viagem por estrada desde o Salão Automóvel de Genebra, com as principais novidades automobilísticas, até ao conforto do seu luxuoso lar.

POR FILIPE MAGALHÃES

BUGATTI CHIRON

Apresentado o ano passado, começam agora a ser entregues as primeiras encomendas. Só irão ser produzidos 500 destes hipercarros de 1500 cv e metade já foram vendidos. Ainda vão a tempo de meter o vosso nome na lista de espera para o receberem depois de 2020. Isto porque o processo de manufaturação é verdadeiramente especial. Apenas 20 pessoas trabalham na sua construção e são precisos seis meses para construir um. Só assim se garante o máximo conforto a uns estonteantes 420 km/h.
WWW.BUGATTI.COM

LAMBORGHINI HURACÁN PERFORMANTE

6 minutos e 52.01 segundos. Um novo recorde de volta mais rápida no 'Inferno Verde' de Nürburgring para carros de produção. Aerodinâmica revista, menos peso, mais potência, melhor *performance*, e acelerações de parar o coração. Mas é a inovadora tecnologia 'Aerodinamica Lamborghini Attiva' que faz a diferença quer visualmente quer na pista criando as condições para se atingir os 325 km/h com aderência perfeita. Uma bomba em movimento!
WWW.LAMBORGHINI.COM

FERRARI 812 SUPERFAST

Sucessor do F12, demarca-se do seu antecessor pelo *design* mais agressivo, sendo o carro de produção em série não limitada mais potente na história da Ferrari. Com um novo V12, talvez o último motor 'puro' da marca, alcança os 100 km/h em 2.9 segundos e tem uma velocidade máxima de 340 km/h. Quer um? Está esgotado... Só 2018. Assim se mantém a sensação de exclusividade intacta, sem nunca perder o fascínio.
WWW.FERRARI.COM

McLAREN 720S

Com vídeo de lançamento filmado no autódromo de Portimão e Bruno Senna ao volante, este novo SuperSeries personifica a mistura da *performance* extrema, do luxo artesanal e da capacidade de pilotagem sem paralelo, com um *design*, tecnologia e dinamismo de exceção. 720 cv, 341 km/h de velocidade máxima e 2.9 segundos nos 0-100 km/h. É a arma perfeita para rivalizar com as duas anteriores máquinas italianas.
WWW.CARS.MCLAREN.COM

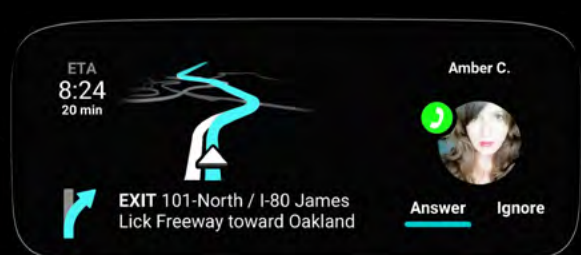
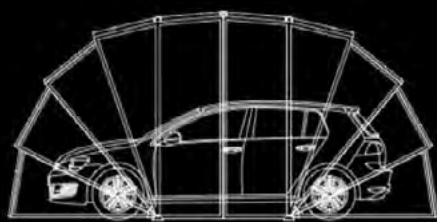
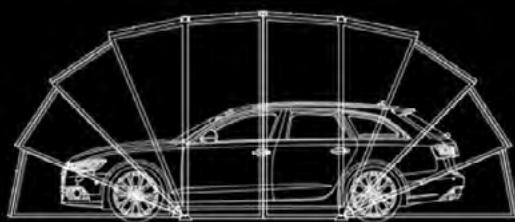
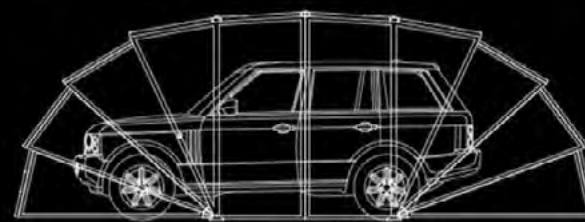
HONDA CIVIC TYPE R

Não se deixe enganar. Isto não é um Civic qualquer! Quem tiver dúvidas pode procurar pelas três saídas de escape na traseira. Mais potente que nunca, sendo um dos poucos compactos do mercado com mais de 300 cv, o visual musculado e agressivo não deixa dúvidas sobre de que versão se trata. Aqui todos os elementos têm um propósito e uma finalidade específica para garantir o equilíbrio perfeito entre conforto e *performance*.
WWW.CARS.MCLAREN.COM

NOKIA 3310

A tecnologia promete muito, mas a julgar pela paragem no Mobile World Congress de Barcelona parece que é só para daqui a uns anos. Normalmente a maior feira de telecomunicações apresenta as maiores novidades da indústria, mas, este ano, especialmente devido à ausência do Galaxy S8, foi um *remake* de um telemóvel lançado há 17 anos que mais deixou as pessoas entusiasmadas.
Aqui não há ecrã táctil, Android ou *apps* de renome. Apenas boas sensações retro fiéis ao icónico original e a um preço convidativo. Perfeito para aquelas noitadas ou festivais!
WWW.NOKIA.COM

NAVDY

Como não queremos que se perca pelo caminho ao volante da sua nova máquina, nem que se distraia a olhar para o GPS ou telemóvel, escolhemos este *gadget* que lhe possibilita fazer ambas as coisas sem ter de tirar os olhos da estrada. Com o Navdy é possível atender chamadas com um gesto da mão e responder a SMS por voz. Embora alguns automóveis já venham equipados de origem com tecnologia semelhante, esta continua a ser desejada por um grande número de condutores.
E tudo o que evite a que haja condutores com telefone na mão é sempre bem-vindo!
WWW.NAVDY.COM

GAZEBOX

Se perdeu a cabeça em Genebra e não se lembrou que já tem a garagem cheia, apresentamos a solução alternativa mais prática para não deixar o seu novo 'brinquedo' ao relento. Com opções extra que incluem AC e painéis solares, em vez de uma garagem tradicional, a Gazebox recorre a uma gloriosa cobertura transparente com capacidade transformadora que permite proteger o seu veículo com toda a pompa e circunstância, contra o sol, chuva ou os implacáveis pássaros. Tinha que ser italiano...
WWW.GAZEBOX.IT

FIZZICS WAYTAP

De regresso a casa nada melhor que uma cerveja para descomprimir. Mas os verdadeiros apreciadores sabem que uma cerveja acabada de 'tirar' tem um sabor bem diferente da comprada em latas ou garrafas. É aí que entra a Fizzics, agora mais portátil e atrativa, na sua versão Waytap. Usando ultra-sons e o poder da ciência para criar espuma e enaltecer os sabores, é ideal para os que gostam de novas experiências e preferem sabores ligeiramente mais doces e suaves.
WWW.FIZZICS.COM

GOOGLE HOME

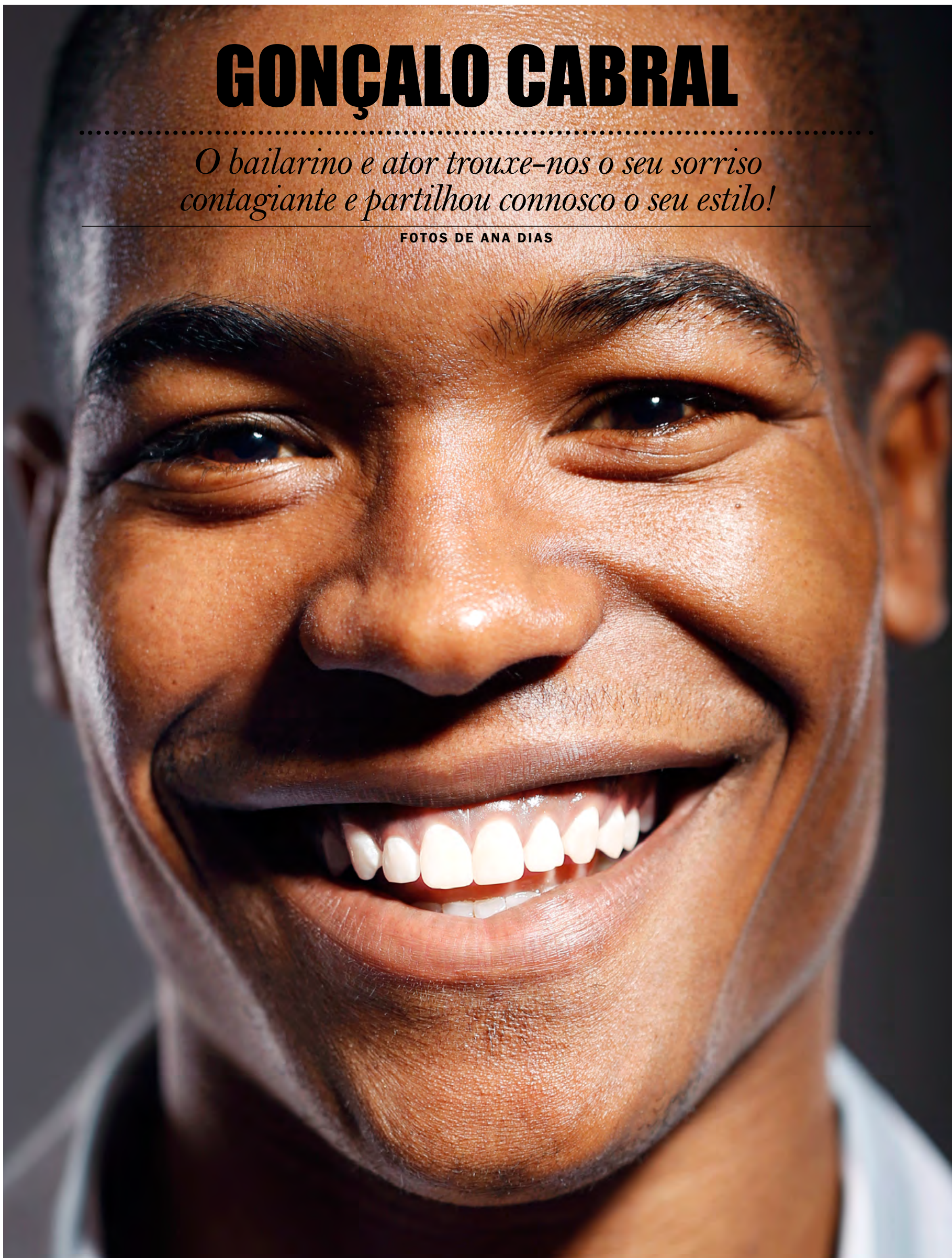
Sem surpresa, quando o Amazon Echo esgotou na época natalícia, foi a Google quem mais beneficiou, demonstrando um enorme potencial especialmente dada a fácil sincronização de todas as suas aplicações.
Por enquanto só está disponível nos EUA, mas a instalação em qualquer país é incrivelmente simples. Só tem que dar as ordens na língua inglesa e após um *"Hey Google"* terá um assistente pessoal com a inteligência da *internet* à sua disposição.
WWW.MADEBY.GOOGLE.COM/HOME

VOLTA V

De copo na mão, é hora de relaxar: *let the games begin!*
Se, como a nós, a Nintendo Switch ainda não convence totalmente e se acha que os computadores ou consolas do momento não passam de caixas pretas com um *design* pouco apelativo, esta caixa em madeira feita à mão com um estilo intemporal é a solução. A Computer Direct Outlet acredita na sua missão ecológica e afirma que os utilizadores poderão alterar o interior da máquina, mas nunca o exterior. A opção perfeita para quem valoriza tanto a aparência como os *frames* por segundo e capacidade de correr jogos a 4K.
WWW.VOLTA.COMPUTER

GONÇALO CABRAL

O bailarino e ator trouxe-nos o seu sorriso contagiante e partilhou connosco o seu estilo!

FOTOS DE ANA DIAS

BLUSÃO: **ZARA MEN, NAVY BLUE BOMBER JACKET FRONT POCKETS**; *JEANS*: **H&M, BLUE DENIM SLIM LOW**; CAMISA: **ASOS, REGULAR FIT STRIPED BLUE SHIRT**; SAPATOS: **ZARA MEN**.

ANASTASIYA SCHEGLOVA

POR DMITRY CHAPALA

Volvo Ocean Race 2017-2018

DESPOJAMENTO PERÍCIA E CARÁTER

Mar adentro, uma volta ao mundo

"Regata" é termo que faz lembrar coisa para meninos. Tem uma sonoridade próxima de passeata, *evoca pedaladas no lago numa gaivota* pacata. *Mas a culpa é apenas da tradução, que em coisas de mar não deixa que* race *se converta em* corrida. *Desengane-se, portanto, quem não tem sabedoria para mais: esse evento mundial que é a Volvo Ocean Race, com paragem e estaleiros em Lisboa, não é uma mera* regatinha *desportiva – é uma competição de elite em alto mar, é uma prova de resistência humana à volta do mundo, é um teste à força do caráter perante a inclemência dos elementos. Há quem lhe chame o Evereste da vela... Mas anualmente haverá 500 que escalam a montanha, enquanto só uns 60 completam a Volvo a cada dois anos – após oito meses em alto mar, num despojamento absoluto por semanas a fio, sem direito a privacidade nem a esse luxo extraordinário que é pousar pé em terra firme. Brincamos ou quê? (Se não fosse cá por coisas, apetecia dizer que) O Evereste é que é para meninos!*

POR ALEXANDRA COUTO

Foto: Paul Todd - Volvo Ocean Race

Aviso prévio à navegação: este artigo não conseguirá nunca explorar todos os ângulos de abordagem que seriam pertinentes para entendimento pleno da dimensão da Volvo Ocean Race, em tudo o que esse evento-ícone do desporto mundial envolve de audácia atlética, resistência humana e poderio tecnológico. Estas páginas têm um objetivo muito mais modesto porque se propõem apenas revelar o essencial da competição que, além de incluir Lisboa entre as 12 paragens da sua rota transoceânica, escolheu precisamente a doca de Pedrouços como o local mais indicado para acolher o estaleiro onde os oito barcos da prova serão montados. A próxima aventura começa a 22 de outubro e o premiado velejador Mark Turner, que agora assume a direção-geral da prova, faz assim o desenho: "A Volvo Ocean Race é o maior evento do mundo na modalidade da vela, por praticamente qualquer que seja o critério de avaliação. É uma regata com 45.000 milhas náuticas através do mundo – 83.000 quilómetros – e está dividida em 11 etapas, parando em 12 cidades de seis continentes. Dura oito meses e é, sem dúvida, o desafio de equipas mais duro do desporto mundial. Os *skippers* que lideram a tripulação no barco têm não só que desempenhar as funções extremamente complicadas associadas a essa posição, mas também que conseguir tirar o máximo rendimento da sua equipa, em que o leque de idades irá dos 20 aos 50 anos". É uma prova a que pode aceder qualquer atleta realmente exímio na arte da vela? *Sorry*, mas nem por isso. "Cada equipa investe milhões de euros para participar e há riscos significativos envolvidos", admite Mark Turner, assumindo que as exigências ao nível do patrocínio são elevadas. "Mas também há a possibilidade de se concretizarem grandes feitos e de se inspirar muita gente. Afinal, esta é a regata que todos os velejadores querem ganhar; é a regata em que muitos dos melhores velejadores do mundo passaram anos a trabalhar na tentativa de o conseguirem".

Que ganhe o melhor homem – não a melhor máquina

A história da Volvo Ocean Race começou em 1973, então com o nome Whitebread Round the World Race e partida do Reino Unido. Contudo, muito mudou entretanto e não apenas ao nível da designação da prova, sobretudo desde que em 1998 a marca Volvo passou a financiá-la: os barcos tornaram-se mais rápidos, as equipas passaram a incluir apenas profissionais de topo e a tecnologia envolvida evoluiu até patamares incomparáveis, especialmente ao nível das telecomunicações. No caso dos barcos, uma das principais mudanças introduzidas na prova surgiu apenas na edição de 2014-2015, quando a organização decidiu que todas as equipas teriam que participar com embarcações de igual *design*. O objetivo foi garantir que na prestação das tripulações influiria apenas a sua perícia e não a capacidade financeira dos patrocinadores para suportar contínuos *upgrades* técnicos. "A regata será vencida ou perdida pelos velejadores, não pelos barcos", ouve-se dizer na sede da prova, em Espanha.
O modelo comum então escolhido para o efeito foi o Volvo Race 65, cuja conceção coube à Farr Yacht Design, que assinara os barcos responsáveis por cinco vitórias em 11 edições consecutivas da prova. A construção, por sua vez, é agora assegurada pela italiana Persico, que em cada barco aplicará umas 36.000 horas de trabalho. A montagem das peças fabricadas nessa construtora naval faz-se depois sob supervisão rigorosa no *boatyard* de Lisboa, de onde saem para a água os portentos com cascos de 20 metros de comprimento, 12.500 quilos de peso, uma quilha-bolbo que pode chegar aos 5,241 quilos e uma vela principal com 420 metros quadrados – qualquer coisa como 2,5 campos de voleibol apontados ao vento.

"Cada equipa investe milhões de euros para participar e há riscos significativos envolvidos"

"Depois da corrida de 2014-2015, precisávamos de um local onde pudéssemos guardar os setes barcos e reequipá-los totalmente para a edição deste ano – e Lisboa era a cidade perfeita para isso, porque tem uma incrível herança marítima e excelentes condições climatéricas para a fase de testes, em junho", recorda Mark Turner. "Descobrimos o espaço ideal no antigo mercado de peixe de Pedrouços, que transformámos no *boatyard*, e o que aí temos agora é um estaleiro do mais avançado que há, onde os Volvo Ocean 65 podem entrar por uma porta para serem totalmente desmantelados, verificados, pintados e remontados, antes de deslizarem por outra saída já totalmente equipados e aptos a competir".

Testar limites

Essa aposta em monótipos *one-design* tem ainda outras vantagens: permite que cada barco passe a ter um custo fixo de 4,5 milhões de euros, o que é metade dos valores praticados anteriormente e torna a competição mais acessível a novos interessados; duplica a resistência de cada barco com oito *bulkheads*, que são as anteparas utilizadas como paredes divisórias para fortalecer a estrutura da embarcação e a tornar mais estanque; e permite que os barcos sejam construídos em torno das necessidades de *media* da prova, pelo que passam a incluir de origem cinco câmaras fixas, dois microfones e três lâmpadas infra-vermelhas para filmagens noturnas. Para se ter noção do que este último aspeto significa, há que considerar o impacto dos vídeos emitidos pelos barcos a partir do mar alto, quando as imagens do que aí se vive demonstram como é justificada a reputação da prova enquanto batalha contra os elementos. Aliás, não é por acaso que o processo de recrutamento da Volvo Ocean Race para os seus repórteres multimédia anuncia a função como "o emprego mais duro do jornalismo

Foto: Yvan Zedda

Entre as diferentes etapas da prova, as mais longas podem chegar a implicar mais de três semanas consecutivas no mar, sempre em estado de alerta. Nesse período, os velejadores só bebem água dessalinizada, tomando banho apenas com toalhetes ou, eventualmente, à chuva.

Turnos de quatro horas asseguram que há sempre velejadores a controlar o barco enquanto os colegas descansam. Mas mesmo quem dorme pode ser chamado a ajudar a qualquer momento.

Fotos: Matt Knighton - Abu Dhabi Ocean Racing

Fotos: Matt Knighton - Abu Dhabi Ocean Racing

Ao alto, a vela principal dos Volvo Race 65 ocupa a superfície de 2,5 campos de voleibol. Quando não está içada, há quem se aconchegue entre a tela para conseguir o descanso possível.

Os homens têm estado em maioria na prova, mas a edição de 2017 estabeleceu novas regras para assegurar uma maior presença feminina e garantir que as velejadores também têm oportunidade de acumular experiência de navegação em condições extremas.

desportivo". Os candidatos têm que cumprir uma extensa lista de requisitos profissionais, se forem pré-selecionados serão sujeitos a um *boot camp* que testará a sua resistência física e mental, e, se efetivamente conseguirem o lugar, vão passar oito meses no mar em condições iguais às dos velejadores, com a responsabilidade de assegurarem diariamente conteúdos escritos, fotográficos e videográficos de alta qualidade – editados a bordo numa cabine em que a cabeça lhes poderá bater no teto ao mínimo balanço e transmitidos via satélite para uma audiência de dezenas de milhões em todo o mundo, incluindo espectadores de 83 canais televisivos. Depois disto, quem adivinha o número de interessados ao posto de Onboard Reporter na edição de 2014-2015 da regata? Uns 250 em todo o mundo? 400? Pois foram mais de 9.000, ficam a saber. Principal motivação para a candidatura: o desafio de superação implícito na adrenalina de toda essa canseira que atrás se referiu. "Esta edição vai ter um grande enfoque no digital e vamos contar mais histórias em bruto sobre a regata. Os vídeos, fotos e dados vão chegar ao ecrã dos nossos seguidores mais rápido do que nunca e isso só é possível graças ao nosso programa Onbord Reporter", afirma Mark Turner. "Os velejadores agora também estarão autorizados a enviar *updates* diretamente para os seus *sites* e perfis nas redes sociais e, considerando que antes proibíamos totalmente o uso da *internet* a bordo para evitar qualquer hipótese de interferência externa, este é um passo muito significativo".

Ainda assim, o controlo sobre as comunicações é para manter-se, também no espírito de equidade que inspirou os barcos *one-design*. Todas as informações sobre meteorologia são, por isso, disponibilizadas às equipas apenas pelo centro de controlo instalado desde 2010 em Alicante, onde a mais avançada tecnologia marítima e um sofisticado sistema de satélites permitem geolocalizar os barcos em contínuo e acompanhar a sua trajetória a velocidades que podem atingir os 40 nós (o que corresponde a 75 quilómetros por hora). Contactos com familiares e equipa de terra também são monitorizados, implicando uma inevitável quebra de privacidade. Poupem-se *mails* românticos ou chamadas de *phone-sex*, portanto. Alguém há-de estar a ouvir!

E por falar em sexo...

Este ano esperam-se mais mulheres a disputar a Volvo Ocean Race. Equipas constituídas integralmente por 7 homens ou 11 mulheres já eram permitidas, mas agora a organização permite outras combinações a bordo, viabilizando assim equipas mistas, desde que num dos formatos pré-estabelecidos para o efeito: só 11 mulheres, 5 mulheres e 5 homens, ou 7 homens com 1 ou 2 mulheres. Isso significa que a abertura à participação feminina ainda funcionará num sistema similar ao das *quotas*, mas Mark Turner encara essas circunstâncias como inevitáveis dores de crescimento. "Há uma série de velejadoras que podem acrescentar valor à prova e todos concordam que a única forma de elas competirem

Foto: Matt Knighton - Abu Dhabi Ocean Racing

A próxima Volvo Ocean Race começa a 22 de outubro em Alicante, Espanha. As equipas chegarão pouco depois a Lisboa, onde a 31 de outubro abre ao público a Race Village e a 5 de novembro se dá a partida oficial da segunda etapa.

sem necessidade de uma regra própria é ganhando experiência", explica o diretor-geral da competição. "A mesma ética se aplica aos jovens praticantes de vela, motivo pelo qual temos a regra dos 30 [que desde 2008-2009 obriga a incluir em cada equipa pelo menos dois tripulantes com idade até 30 anos]. Como há inúmeros velejadores-homens que têm nas costas milhares de milhas no mar, inclusive no Oceano Antártico, é claro que esses estarão no topo da seleção¸ portanto agora as mulheres e os jovens precisam ganhar o mesmo tipo de experiência".

Ok. Avance-se para o projeto social. Mas a que outros testes se sujeita uma tripulação que chega a estar 25 dias consecutivos em mar alto, confinada a um espaço *below-deck* de apenas 25 metros quadrados? São muitos, mas listem-se apenas os mais básicos, a velocidade de cruzeiro. Pois bem: vestuário na bagagem? Pouco, que a bordo só são permitidas duas mudas de roupa, uma para tempo frio e outra para quente. Higiene? Há um WC no barco, mas contam os velejadores que há quem prefira aliviar-se diretamente para o mar. É tudo biodegradável. Banho? Só com toalhetes húmidos ou debaixo de chuva, para se evitar o desperdício de água potável. Em todo o caso, as toalhitas usadas terão sempre que regressar a terra, porque as embalagens e materiais que possam converter-se em lixo são contabilizados à partida e verificados novamente à chegada, para garantia de que nenhum resíduo é disposto no mar. Teste seguinte: descanso. É quando se puder, se se puder. Os turnos são sempre de quatro horas, inclusive os de sono, mas a qualquer momento toda a tripulação pode ser chamada ao *deck* para ajudar numa manobra de emergência. Ora, considerando que tripular um barco exige a execução de um conjunto de tarefas que obrigam a consideráveis demonstrações de robustez física, o desgaste de energia é tanto que, em cada etapa da prova, um velejador pode perder até 11 quilos de peso. Como é que se sobrevive a isso com sanidade física e mental suficientes para se continuar a exigir o máximo do corpo e da embarcação? No Norte de Portugal dir-se-ia que o problema ficava resolvido "com uma francesinha ou duas". Meia resposta certa, vá! Porque se é verdade que a alimentação pode ajudar, errado é pensar-se que semelhantes iguarias seriam autorizadas num barco onde as refeições lembram mais a comida espacial dos filmes de ficção científica.

Em cada etapa da prova, um velejador pode perder até 11 quilos

Ora vejamos: para começar, a quantidade de alimento de que a equipa necessita é calculada antes de cada etapa da prova com base na distância a percorrer; esses cálculos equacionam também o dispêndio de energia previsto, já que um velejador precisará de consumir 5.000 a 6.000 calorias por dia, o que é mais do que o dobro da média necessária para um adulto em situação não-competitiva. A questão dos líquidos é mais simples: toda a água

Fotos: Amory Ross – Team Alvimedica

As mãos de um velejador revelam a intensidade de uma noite de navegação tensa a desviar o barco de nuvens de tempestade e ventos contrários. Mas, perante o cansaço acumulado em tarefas que chegam a implicar o desgaste diário de 5.000 a 6.000 calorias, até as modestas condições do barco parecerão um luxo.

Mark Turner, diretor-geral da Volvo Ocean Race e fundador da OC Sports, a empresa que lançou o circuito de regatas-estádio Extreme Sailing Series.

potável a bordo é produzida pelos próprios tripulantes a partir de água do mar, com recurso a um dessalinizador, e diariamente a equipa terá que assegurar 50 litros só para beber e cozinhar. Já no que se refere a sólidos, a maioria da alimentação armazenada a bordo consiste em comida liofilizada, que, além de leve no transporte e passível de reidratar com a água tratada no barco, é rica em hidratos de carbono, proteínas e gordura. Para reposição de energia há ainda barritas, bolos revestidos a chocolate, batidos proteicos e até sopas e massas instantâneas, já que os velejadores podem precisar de até oito *snacks* ao longo de 24 horas. Cuidado extra opcional: até 20 comprimidos diários para manutenção de níveis vitamínicos saudáveis.

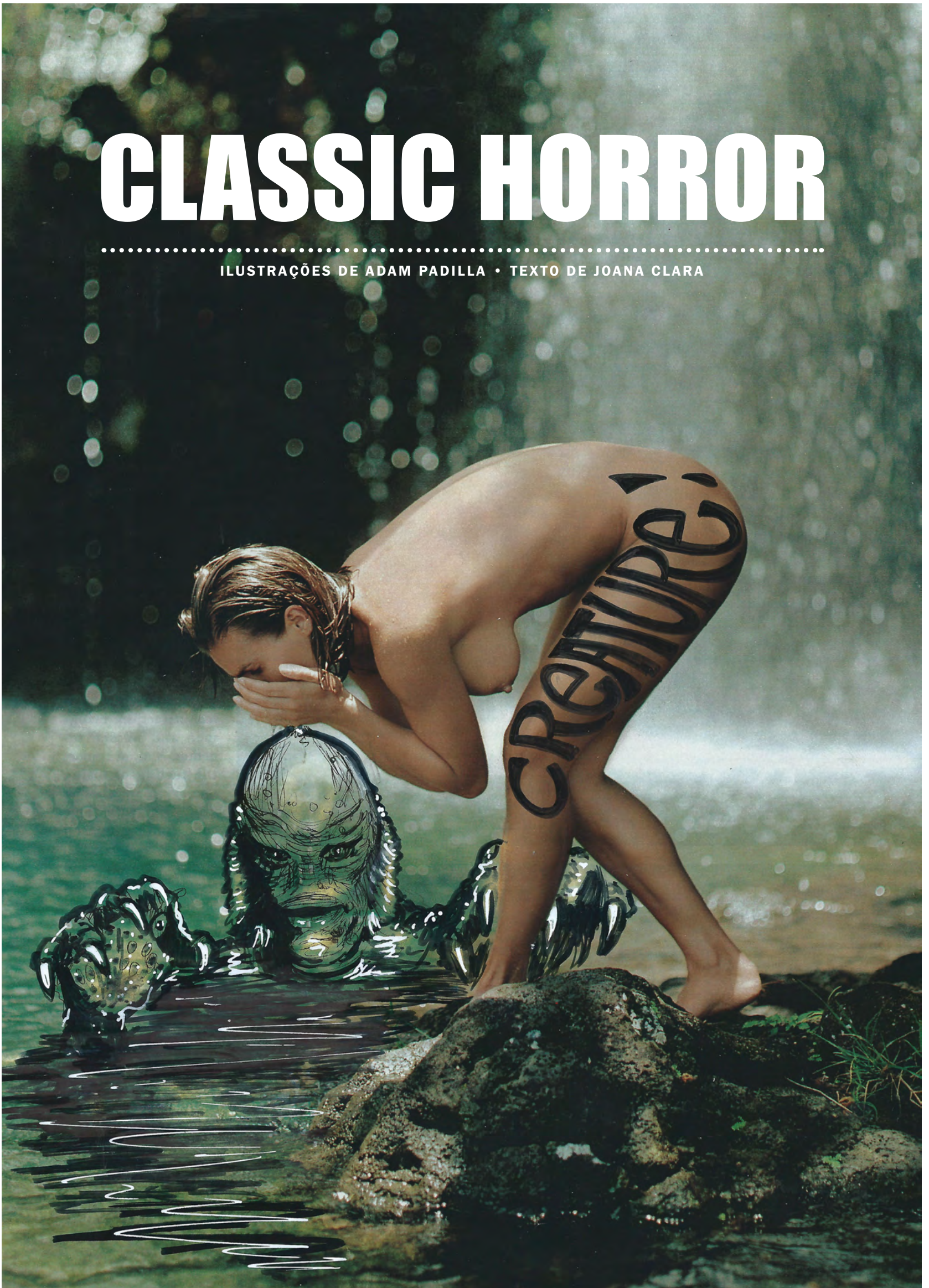
Feitas as contas, valerá a pena suportar semelhante dose de esforços e restrições? O ex-tenente da Royal Navy britânica Mark Turner – que já disputou algumas das provas mais respeitadas da vela mundial, fundou o circuito de regatas-estádio Extreme Sailing Series e trocou o convite para a direção desportiva da America's Cup pela liderança competitiva e comercial da Volvo Ocean Race – diz que sim. É verdade que a lista de participantes ainda não está fechada e que no final vencerá sempre a equipa que tiver menos pontos – porque até nisso a regata é especial, com um sistema de pontuação em que o vencedor de cada etapa ganha apenas 1 ponto, o segundo classificado acumula 2 e assim por diante. Mas certo é também que, entre diferentes gerações de velejadores, diferentes *mindsets* culturais e até diferentes sensibilidades desportivas, parece ser unânime a opinião de que os protagonistas dessa aventura pertencem a uma raça distinta de gente, disposta a tentar superar o "Evereste da vela" sabendo que no cume da prova não haverá prémio financeiro algum. Não há portugueses envolvidos neste desafio, note-se. Longe vai o tempo e a audácia das Descobertas, que hoje os marinheiros lusos não podem procurar fortuna além-mar se é de uma fortuna em terra que precisam só para levantar âncora. Mas também aí Mark Turner vê novos mundos para dar ao mundo: "Há muito talento português na vela, tanto na costeira como na de alto-mar, e era fantástico que se pudesse ativar uma equipa de Portugal. Aliás, há gente a tentar fazer com que isso aconteça – porque a realidade é que o ondular da bandeira portuguesa num dos barcos conferiria à prova uma emoção totalmente diferente". ●

"Há muito talento português na vela, tanto na costeira como na de alto-mar"

Foto: Ainhoa Sánchez

CLASSIC HORROR

ILUSTRAÇÕES DE ADAM PADILLA • TEXTO DE JOANA CLARA

FRIDAY
13TH

"Russ took this photo in our back yard," Edy told us. "He has a great mind, sort of erotic and classy at the same time. He's a genius, but people don't know it yet. And he's fun to live with, too."

ADAM PADILLA

E se tivéssemos Mary Shelley, Anne Rice, Morticia Addams e Maila Nurmi no mesmo festival dos horrores? Não seria *awesome*? E se, na mesma lista de convidados, constassem nomes como os de Pamela Anderson, Carmen Electra, Marilyn Cole ou Laura Aldridge? Adam Padilla, de 44 anos, de Albuquerque, no Novo México, é o anfitrião desta reunião de corpos femininos e abre as portas do seu espólio lascivo e visionário, qual Hefner na mansão Playboy. A arte deste criativo norte-americano irrompe das páginas da revista erótica mais emblemática, elevando a liberdade de expressão e potenciando as linhas ondulantes da carne. Nada aqui é contra-natura; todos os elementos se fundem em harmoniosas narrativas sem castidade. Nada se vela, mas tudo se transforma em representações: as composição, as cores, as formas, os ritmos e as figuras insinuam-se diante do nosso olhar crítico, sem grilhões. Há espaço para pecar. A paixão descontrolada, exacerbada, atinge níveis viciantes, tornando-se o corpo num campo de batalha.

Enaltecer a nudez é uma das premissas de Adam Padilla, que esculpe nas suas obras um conjunto de significados e de códigos. Podíamos dizer até que segue a estética de Frank Miiller e de Robert Rodriguez em "Sin City", de Ed Wood ou até de F. W. Murnau. Não há um controlo da libido, como se também, de alguma forma, fizéssemos parte do guião dos filmes "O Último Tango em Paris", de Bernardo Bertolucci, e "De Olhos Bem Fechados", de Stanley Kubrick. O traço pecaminoso, tentador, estilizado e excitante deste artista deixa-nos completamente siderados. E a verdade é que a arte caminha ao seu lado desde tenra idade; ao longo dos anos, Padilla tem experimentado várias formas de expressão artística, das aguarelas aos acrílicos, passando pelos óleos e pela escultura. Fez ainda uma incursão de vinte anos pelo universo das tatuagens, antes da vertente comercial da mesma se espraiar. No âmago das suas inspirações estão os filmes de terror, os *comic books*, os filmes eróticos dos anos 60 e 70, a ficção científica *vintage* e os ícones da cultura *pop*.

O seu processo de criação move-se vigorosamente. Há vertigens em constante mutação na sua mente. Atravessam-se referências e esboços, a maciez da pele de uma *pin-up* e o toque áspero de um morto-vivo. No fundo, Adam Padilla não se move nas sombras, mas procura ofegante o castelo das trevas ardentes.

© DR

A RUA DO PEDRO SALGADO é maior que a tua

Pobres daqueles cuja rua se caminha só pelo chão. Para Pedro Salgado, as ruas percorrem-se pelo asfalto e pela calçada, pelas paredes e pelos muros, por telhados e varandas, por árvores e baloiços. Usa tanto os pés como as mãos, fá-lo de forma mais linda, mais cheia de graça – é ele o homem que corre, que salta e que passa, no doce balanço do parkour *com que inspira jovens de todo o mundo. (Para ler com ou sem Tom Jobim em fundo, claro!)*

POR ALEXANDRA COUTO

Às vezes caminhar é uma chatice. Então ir em filinha sem poder cortar caminho, a chamar nomes baixinho aos caramelos que empatam o ritmo dos outros, arruína os nervos de qualquer um! Era tão mais fácil ser-se um Homem Aranha que trepa pela parede acima e chega num ápice ao topo do edifício – ou então uma Cat Woman equilibrista que vai de um telhado a outro pelo estendal do 4.º andar, sem ter que descer à rua para voltar a subir ao outro prédio! Ok: ando a ver muitos filmes? É verdade. Mas um deles é precisamente um pequeno vídeo do YouTube em que um rapaz sem fatos de *lycra* nem capas esvoaçantes percorre uma série de circuitos pela baixa de Lisboa usando tanto os pés como as mãos: é com elas que salta corrimões e corta mais rápido vários lanços de escada, é com elas que se apoia em paredes ao saltar muros altos, é com elas que se pendura em qualquer estrutura metálica que lhe proporcione balanço para chegar mais rápido e mais a direito ao ponto seguinte do seu caminho. O protagonista desse filme chama-se Pedro Salgado e aos 26 anos é já uma referência internacional do *parkour* – esse formato de deslocação peculiar que é utilizado para se chegar de um ponto geográfico a outro pelo meio corporal mais rápido e mais eficiente possível.

O conceito surgiu nos anos 80 por iniciativa do francês Raymond Belle, tem por base a expressão *parcours du combattant* (que significa *percurso do combatente*) e envolve uma disciplina de treino inspirada em práticas militares de superação de obstáculos. Também conhecido como *free running* (embora em rigor esse estilo apresente subtis variações), o *parkour* implica assim que o seu praticante – o chamado *traceur*, à francesa, ou *tracer*, à britânica – recorra a todas as aptidões exclusivas do seu corpo para chegar mais rápido ao seu destino: correr, escalar, balouçar, saltar, rolar e tudo o que mais se proporcione para concretização do seu objetivo. Desse leque de manobras resulta um estilo de mobilidade único que, entre o céu e a terra, entre a arquitetura e a natureza, não é de todo indissociável da estética que caracteriza as melhores (e algo irrealistas) produções cinematográficas sobre artes marciais. A diferença é que o *parkour* faz-se sem fios de suspensão escondidos no décor e só acontece em cenários reais. *Normais*, nem tanto, mas *reais*, sempre.

"É que a minha vida não é normal", diz Pedro Salgado impulsivamente, quando lhe perguntam que perspetiva visual tem sobre a cidade ao fazer *parkour*, comparativamente à do mero caminhante, de movimentos sempre rentes ao chão. "Sinto-me bastante livre para fazer com o meu corpo tudo o que quiser e os movimentos que faço dão-me ângulos de visão completamente diferentes dos da maioria das pessoas".

"Sinto-me bastante livre para fazer com o meu corpo tudo o que quiser"

Rebolar na areia

Pedro Salgado iniciou-se no p*arkour* há uns 10 anos, mas nos seus genes já antes havia a tendência para comportamentos arrojados. O pai era praticante de *cliff diving*, em que os saltos para o mar se fazem a partir de altos penhascos, e contagiou-o com o fascínio pela adrenalina e aventura. "Comecei a fazer saltos para a água, depois tentei fazer mortais na areia e a certa altura uma colega minha disse que eu devia conhecer um amigo dela. Era o Ruben 'Trox' e ele é que me mostrou o que era o *parkour*", recorda o atual *traceur*. O que se seguiu foi então o bê-á-bá da modalidade: "Primeiro aprendem-se as técnicas mais básicas e depois, à medida que ganhamos à-vontade e passamos a explorar melhor o ambiente que nos rodeia, vamos aplicando a nossa criatividade e estilo pessoal às opções que fazemos. Quanto mais fluidos são os nossos gestos, mais criativos conseguimos ser".

Essa originalidade reflete-se na sola de quaisquer sapatilhas que tenham sido bem usadas por um *traceur*. "Agora já posso mudar os meus ténis com frequência, mas antes eles eram gastos até à última e a sola ficava num estado totalmente diferente da dos sapatos de uma pessoa normal, porque o uso que lhe damos também é totalmente diferente – nós não andamos só a direito; andamos inclinados com a sola a gastar-se de lado, raspamos os pés na parede para abrandar descidas, rodamos sobre barras de ferro para balouçar, damos saltos de grandes alturas em que os pés têm muito mais que amortecer", explica Pedro.

As mãos sofrem ainda mais. Tocam em tudo, agarram-se ao que podem, penduram-se onde dá jeito com o peso de um corpo inteiro atrás. Estão calejadas, mas querem-se assim e dispensam cremes hidrantes e semelhantes delicadezas. "Eu não uso nada disso", garante o *traceur*. "Preciso delas robustas para me agarrar bem – podem salvar-me a vida".

Parkour *all over*

Numa evolução gradual e consistente, o *parkour* de Pedro Salgado foi assim adquirindo calo e também palmarés competitivo, passando da Amadora a outras cidades do país, a grandes capitais da Europa e a até a cenários de sonho como a cordilheira do Grand Canyon ▸

Um salto captado em ângulo contrapicado na cidade de Haia, na Holanda.

É o próprio Pedro Salgado que define a legenda desta foto: “A voar com os pombos em Bolonha, Itália!”.

Pedro Salgado já esteve no Grand Canyon, nos Estados Unidos, mas nem por isso aprecia menos as formações rochosas da praia de Benagil, no Algarve. “Sem medo”, contudo, só ao fim de algum tempo, porque a iniciação no *parkour* começa por dominar uma série de técnicas básicas antes de se evoluir para as mais arriscadas.

Team work. Pedro Salgado defende que a evolução no *parkour* também passa pela partilha de experiências com colegas, sejam eles os *tracers* de Lisboa, os colegas da Holanda ou outros concorrentes de provas internacionais.

nos Estados Unidos. Diferenciando-se por manobras que fazem lembrar coreografias urbanas, o jovem foi vencendo prémios em diversas provas nacionais e estrangeiras, chamou a atenção de entidades oficiais ligadas à modalidade e agora acumula viagens a convite de promotores de diferentes eventos e projetos.
"Competir contradiz um pouco a filosofia do *parkour*, que foi pensado sobretudo como uma técnica pessoal", admite Pedro, já quatro vezes classificado como o melhor do mundo pela sua velocidade ou estilo em eventos da modalidade como o Parcouring World Championship, o KRAP Parkour Challenge, o Vigo Street Stunts e o Hop the Block. "Mas o certo é que, além de ajudar à promoção do *parkour*, a competição nos permite aprender com outros praticantes e também nos faz ganhar visibilidade – porque, quando há uma prova destas, toda a comunidade internacional está a ver".
Essa exposição atrai patrocinadores e apoiantes, e foi assim que o *traceur* lisboeta acabou por se envolver em diferentes projetos desportivos e empresariais: viveu na Holanda a convite da Jump Freerun Academy, desenhou a estrutura de dois dos ginásios dessa cadeia, concebeu um outro para a Noruega e agora é o embaixador da recém-criada marca norte-americana Peter Parkour, com a qual desenvolve programas de treino e vestuário da modalidade. Na sua página pessoal de Facebook Pedro tinha no final de março mais de 35.000 *likes*; na sua conta de Instagram mais de 51.000 seguidores.
As contas associadas à sua carreira de fotógrafo ainda acrescentam a essa audiência mais alguns milhares de fãs, estimulando o seu trabalho em áreas como a moda, o retrato e, claro, o desporto.
"Estou feliz, cheguei ao meu objetivo e faço aquilo de que gosto", reconhece. "Antes, pedia à minha mãe 10 euros para ir treinar a algum sítio com os meus amigos e, se ela não os tinha para me dar, a solução era ficar em casa e praticar por perto. Mas agora isso acabou. Viver do *parkour* já não é problema", declara, soltando uma gargalhada tranquila.
Grato pelo muito que já conheceu do mundo graças à modalidade, Pedro só espera poder continuar a superar as espectativas e a acumular no passaporte o carimbo de mais países, de preferência também na Ásia. Apreciaria a mudança de cenário e deixa já o aviso: "Quero ir à Muralha da China. É um dos sítios onde pretendo fazer uns saltos". ●

Pedro Salgado a sobrevoar pilares de madeira na Holanda, onde desenhou dois ginásios da cadeia Jump Freerun Academy.

LAUREN BONNER

POR STEVEN MEIERS

TEXTO DE MARCO BRUNENGO
ILUSTRAÇÕES MATU SANTAMARIA

"SCHOOL OF SKULLS"

CARLITOS: Boa tarde doutor, temos uma consulta marcada consigo.
DOUTOR: Entrem, entrem.
GRISELDA: Boa tarde *[voz rouca]*.
VANINA: Olá, boa tarde *[voz esganiçada]*.
GRISELDA: Olhe doutor, viemos porque achamos que o doutor é o único que pode resolver o nosso problema conjugal. Sabemos que tem muita experiência e está há muito tempo nisto, a atender casais de todos os tipos, mas este é um caso, digamos... singular! Se é que se pode chamar assim.
DOUTOR: Sim, estou a ver... Bem, falem-me um pouco da situação.
VANINA: Bom... Nós as duas e o Carlitos andamos a sair juntos há mais de dois anos. Na realidade ele começou a sair antes comigo, mas de tanto roçar... acabámos por sair os três. Dá para entender isto?

GRISELDA: Sim, mas no fundo ele já gostava de mim antes, mas como se sabe... os homens gostam de seguir o caminho mais fácil.
VANINA: O que é que estás a insinuar!?
DOUTOR: Por favor, senhoras, vamos passo a passo, para que cada um diga o que tem a dizer. E você, como se sente com esta situação?
CARLITOS: Eh pá, eu...
VANINA: Como é que ele se havia de sentir? Nas nuvens!
GRISELDA: Está nas nuvens, digo eu…
DOUTOR: Bom, entenderão que isto é pouco usual, mas não é por isso que as convenções habituais de qualquer casal se deixam de aplicar. Por exemplo você, Griselda, o que é que acha que não está bem entre você e o Carlitos?
GRISELDA: Entre nós os dois não! Entre nós os três! Porque temos a certeza que há outra pessoa, vimos com os nossos próprios olhos. E você é o único que pode resolver o nosso problema conjugal. E mesmo que ele negue tudo, eu sei que ele está a mentir.
CARLITOS: Eu nunca te menti!
VANINA: Cala-te! Disseste que não saías com ninguém quando já estávamos juntos há dois meses.
CARLITOS: Foi só uma mentirinha… não achei que fosses descobrir.
VANINA: És um imbecil! Como haveria de não descobrir!? Somos gémeas siamesas!
CARLITOS: É que eu com as mulheres fico nervoso e atrapalho-me…
GRISELDA: Muito nervoso não ficas, porque está claro que andas a sair com outra! Já não te chega o 'dois pelo preço de um' do Carrefour que até tens de sair à procura da oferta exclusiva do Corte Inglés... Está a ver do que estou a falar, doutor? Precisamos que intervenha! Você é o único que pode resolver o nosso problema conjugal.
CARLITOS: É que não é fácil... O doutor não imagina o quão difícil é a minha situação. Se qualquer um diz à sua namorada que é a mais linda do universo, é tratado como um príncipe. Se eu digo isso, uma fica contente e a outra fica de trombas... Se digo a uma que lhe dou a lua, a outra pergunta "e a mim, o que é que me dás?" e não posso dar-lhe o céu ou alguma coisa do género que estrago tudo.

DOUTOR: Bem… Devem entender que é uma situação pouco ortodoxa, e os tópicos são só tópicos. Ninguém vai dar a lua literalmente a ninguém! Ainda para mais, os tópicos normais não se aplicam ao vosso caso. Se o Carlitos diz a uma de vocês que é a mais linda do universo, seguramente se refere às duas, já que são gémeas siamesas e são idênticas.

VANINA: Não diga isso doutor! Nós não somos idênticas, somos gémeas simétricas! O que uma tem à direita, a outra tem à esquerda. Se eu tenho a boca inclinada para direita, ela tem para a esquerda. Se eu tenho um tique no olho esquerdo, ela tem no direito.

DOUTOR: Ah, e isso influencia em quê?

VANINA: Como ele é destro, isso é uma desvantagem para mim, porque nós mulheres temos sempre uma mama maior que a outra. Ela tem a esquerda maior, e eu a direita. Sendo ele destro, a que mais toca é a da esquerda… E quem acha que é agarrada primeiro? A minha, que é a pequena, ou a dela?

DOUTOR: Entendi, entendi... Mas não é preciso entrar em desespero, alguma compensação terá noutras coisas. Para além disso, se me dizem que ele está a ver outra mulher, é evidente que a raiz do problema não é apenas o que me está a contar!
GRISELDA: Não, doutor. O problema, penso eu, é que essa cabra anda a pressioná-lo, e você é o único que pode resolver o nosso problema conjugal.
DOUTOR: Diga-me, Carlitos: você tem consciência do mal que está a fazer à relação com as suas namoradas por andar por aí a encontrar-se com uma desconhecida?
CARLITOS: Não diga isso doutor. Não é uma desconhecida, nós conhecemo-la muito bem, e asseguro-o que a última coisa que quero é fazer mal às minhas namoradas enganando-as com outra. Que tipo de pessoa acha que eu sou!? Eu tenho princípios, mas também sou homem e cometo os mesmos erros que qualquer homem. Você sabe do que eu falo, também já se terá sentido atraído desta maneira. Se eu não tivesse bom coração, não estaria aqui diante de si a pedir-lhe que nos ajude a ultrapassar este problema.
DOUTOR: Não duvidem de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para vos ajudar. Mas isto não é um problema que se resolva de um dia para o outro, com uma solução mágica ou com um comprimido... Mas bastarão alguns meses de terapia para começarem a ver melhorias na vossa situação.
CARLITOS: Terapia?
VANINA: Terapia?
GRISELDA: Terapia?
DOUTOR: Sim. Terapia.
GRISELDA/VANINA: Mas qual terapia, qual quê! O que queremos é que você fale com a sua mulher para que ela deixe de enrolar-se com o nosso namorado!

TEXTO DE MARCO BRUNENGO | ILUSTRAÇÕES MATU SANTAMARIA

ESKADA

VIZELA

O ESKADA VIZELA Renasce nesta Nova Temporada ainda mais completo! Ao longo dos anos aprendemos, evoluímos, entendemos ainda mais as necessidades dos nossos clientes, mas fundamentalmente trabalhamos para um resultado... FESTA GARANTIDA!

Mantendo os princípios base, um espaço de excelência, ambiente seleccionado e a certeza de um serviço exclusivo, o ESKADA VIZELA renasce no FUTURO! Encha-se de coragem para conhecer o NOVO ESKADA VIZELA, nesta nova temporada a certeza das Melhores Noites de MUSICA, MODA E LIFESTYLE!

3 AREAS > AMBIENTES

Divido em espaços singulares com características e fundamentos mais personalizados, reabrimos com o intuito de acolher os clientes mais exigentes e ainda potenciar Marcas e Parceiros de Negócio!

CAMAROTES & RESERVAS 912 520 970

grupoeskada.pt · geral@grupoeskada.pt eskadavizela #eskadavizela

MARIANA & OLGA

Deixe-se envolver pela suavidade quente desta melodia de ébano e marfim.

FOTOGRAFIAS DE ANA DIAS • TEXTO DE JOANA CLARA

"Flame you came to me, fire meet gasoline". "Maybe that's what happens when a tornado meets a volcano". Sim, é que vão ter mesmo vontade de cantar Sia, ou até mesmo Eminem, no decorrer das próximas páginas; isto porque a sessão fotográfica de Olga de Mar e Mariana Sanhá promete ser verdadeiramente explosiva. Aqui os corpos não têm qualquer cor: são nata e chá mate. Fundem-se em perfeita simbiose como a baunilha e o chocolate, como a luz e a sombra, como o paraíso e a cidade do pecado.

De pele morena e olhar sereno, Mariana, de 22 anos, chega do Porto para arrasar. Tem a candura e a timidez de uma menina-mulher, mas à alma cola-se um atrevimento de um puma. Sabe como serpentear as suas longas e elegantes pernas, esculpidas e torneadas pelas horas de atletismo. A devoção ao corpo faz com que seja demasiado preocupada e dedicada aos treinos diários, assim como à alimentação saudável. "Admiro muito o corpo que tenho!", partilha.

Mariana deixou-se fotografar a nu para a última edição da INSOMNIA e arrebatou o fôlego dos leitores da revista. Hoje, para além de ter conquistado o título de INSOMNIA *girl*, é também imagem de capa, desfilando sob o olhar libidinoso da objetiva de Ana Dias. A modelo confessa ter concretizado um sonho de uma vida, já que admirava há muito o trabalho da fotógrafa. "Já acompanhava o trabalho da Ana há algum tempo. Admirava as sessões que ela ia fazendo pelo mundo fora e, como nunca tinha experimentado fotografar neste registo, surgiu o interesse de fazer algo diferente. Fotografar com a Ana foi ótimo; correu tudo super bem até porque ela é uma excelente profissional, muito querida e super animada. Inicialmente senti-me um pouco retraída e envergonhada, mas apercebi-me que a equipa era bastante divertida e isso deixou-me super à vontade e muito mais relaxada", conta-nos.

Desvelar a sua organicidade tornou-se a sua forma de quebrar paradigmas, contornar barreiras e erguer a bandeira do *girl power*. E a verdade é que sente que "os portugueses começam cada vez mais a ter uma mente aberta e a saber analisar uma imagem de nudez como arte".

A vontade de singrar no mundo da moda leva-a a almejar viajar além-fronteiras; mas também cresce vivaz, dentro de si, o desejo de ganhar asas na comunicação social e de construir o seu próprio negócio, uma marca de roupa. "Vai ser um longo caminho mas com esforço, dedicação e vontade tudo se consegue. A área do jornalismo e da televisão sempre me despertaram interesse. Dentro destes meios, gostava muito de trabalhar como repórter ou apresentadora de um programa".

Fundem-se em perfeita simbiose como a baunilha e o chocolate, como a luz e a sombra, como o paraíso e a cidade do pecado

Trazida pelas ondas do Mar, a jovem Olga emerge qual Daryl Hannah em Splash, A Sereia. De longos cabelos loiros, sorriso matreiro e volúpia glacial, a ousadia e impertinência desta modelo da Letónia mantêm-nos em permanente suspense. As curvas arrebitadas do seu corpo sentem-se gratas pelo contacto prematuro com o desporto; foi, na verdade, a aproximação à indústria do *fitness*, pela mão da mãe, que fez com que começasse a dar os primeiros passos na sua carreira.

Atualmente na casa dos 20 anos, sente-se na liberdade de viver instantes repletos de adrenalina. Esta Pocahontas disfarçada de Rapunzel encara a nudez como algo que lhe é inerente, que faz parte do seu código genético. Despe-se porque se sente natural, livre, leve e solta. Sempre que pode evade-se para as praias de nudistas, dorme totalmente nua e confere à sua casa uma ambiência tropical, para poder andar o menos coberta possível. "Quando tenho um tempo para mim, gosto de me sentir relaxada, de não fazer nada, de andar sem roupa e maquilhagem. Nestes momentos, facilmente me encontram algures entre Formentera e as Maldivas".

Já viajou para Paris, Milão, Nova Iorque, Londres e África do Sul, mas muitas são as vezes em que se desloca apenas entre o aeroporto, o hotel e o estúdio. À semelhança de Nala, em O Rei Leão, subiu até ao topo da montanha mais alta do continente africano, o Monte Quilimanjaro, e assume-se absolutamente viciada na comida típica de outras culturas. Deu um salto de coragem quando se mudou para Itália, para se dedicar a tempo inteiro e de corpo e alma à moda.

Olga de Mar sentiu-se confortável a trabalhar com Ana Dias. "Ela tem uma aura especial, fez-me sentir importante, bonita, relaxada. Ela tratou-me como uma princesa e fez tudo por mim". No final da sua estadia em Portugal, a modelo letã teve direito a uma visita guiada pela cidade de Lisboa e ficou deliciada com o sabor dos pastéis de Belém. "Mal posso esperar para regressar. Quero explorar o resto do país, porque todas as pessoas que conheci foram gentis, doces e educadas. Você têm uma nação muito bonita. E eu quero fazer uma viagem de norte a sul, para abraçar ao máximo o meu espírito aventureiro", remata. ●

MAKE-UP: KIKA TEIXEIRA; *HAIRSTYLE:* CLARISSE FERNANDES;
HAIRSTYLE ASSISTANT: ADELINO SANTOS.

APJ: As motos portuguesas que se aventuram pelo mundo

São motas, senhores, são motas! E não andam a esconder as suas raízes, embora alguns possam desconhecer que a AJP é uma marca made in *Portugal, uma vez que exporta 90% da produção para países cada vez mais fiéis à sua* performance *de* enduro, *todo-o-terreno e aventura.*

POR ALEXANDRA COUTO

Foto: APJ

Quando a produção portuguesa de pequenas motorizadas como a Casal e a Famel Zundapp começou a entrar em declínio, nasceu em Penafiel uma empresa que queria rumar contra a maré. Tinha como objetivo criar motos mais sofisticadas e começou por fazê-lo sem correr demasiados riscos, optando por confiar em fornecedores já estabelecidos na praça. Mas o ADN da aventura estava lá: a AJP persistiu, avançou para a conceção própria de mais componentes, insistiu, foi aumentando a cilindrada a cada novo modelo, investiu, conquistou mercados com o desempenho fiável de cada unidade vendida e, em suma, conseguiu. Hoje é a única fabricante portuguesa de motos, comercializa vários modelos diferentes num leque de cilindradas que vai dos 125 aos 600 centímetros cúbicos (cc) e, se é verdade que conquista clientes *eco-smart* nos grandes centros urbanos onde as duas rodas ajudam a contornar o trânsito e a cortar na gasolina e no CO_2, indiscutível é que convence muito mais em *rocky roads*, *trails*, montanhas, desertos e qualquer outro terreno agreste em que a adrenalina possa beneficiar de um desempenho de enduro fiável, resistente, leve e à prova de lama, areias, choques e outras mazelas também.

As máquinas que permitem sobreviver a essa experiência todo-terreno fabricam-se numa unidade industrial de Lousada, com 1500 metros quadrados e 25 funcionários, todos eles incentivados a testarem as motos da casa em contexto real. Mas o grande mentor do projeto é António Pinto, que só descobriu o universo da moto-mecânica aos 22 anos, mas hoje, aos 53, se sente tão confortável no seu duplo papel de piloto e fabricante que até dá entrevistas quando está com gripe e ainda com um pé partido devido a "uma parede estúpida que se meteu à frente" da sua AJP. "Já são muitos anos disto, mas, quando é por gosto, a gente nunca se cansa", justifica.

30 anos a acelerar

A história da AJP tem início em 1987, quando António Pinto registou em Penafiel a empresa com que se propunha conceber motos mais arrojadas do que as então existentes no mercado da produção nacional, recorrendo para isso a peças de fabricantes ainda ativos no país – como a emblemática Metalurgia Casal, que viria a encerrar em 2000. O fundador da AJP admite que, na época, a sua empresa ainda não tinha *know-how* suficiente para assegurar a produção integral dos modelos de 125 cc aí concebidos, mas reconhece também que, enquanto outros fabricantes caminhavam para a insolvência, a AJP se empenhou em fazer precisamente o percurso inverso, rumo a uma maior especialização em enduro. Foi por esse motivo que a maioria das peças utilizada pela marca passou a certa altura a ser produzida internamente, na fábrica de Lousada, e foi também para garantir um maior controlo de qualidade na produção que mesmo os componentes encomendados ao exterior, como os motores asiáticos, ficaram sujeitos à obrigatoriedade de serem adaptados aos requisitos técnicos da casa antes de aplicados em qualquer viatura AJP.

Nessa evolução, sucederam-se vários modelos de motos, cilindradas cada vez mais potentes, participações em provas de motociclismo, pódios de campeonato, aventuras mediáticas em desertos e savanas, e até edições especiais dedicadas à banda Xutos & Pontapés. Fiabilidade e resistência passaram a ser epítetos da marca, mas estética também, como atestou a curadoria da própria bienal Experimenta Design ao integrar a AJP PR5 numa exposição que reunia casos de sucesso da indústria portuguesa e revelava ao público como as formas desse modelo específico influíam no desempenho de um motor de 250 cc.

Este será o primeiro ano de comercialização plena da recém-lançada PR7 650

Embora em diferentes contextos e circunstâncias, todas essas conquistas terão contribuído para que, em 30 anos de marca, a AJP tenha passado de uma capacidade de produção anual de cerca de 100 motos para médias mais próximas das 3000 unidades. A expectativa da empresa é que esse ritmo de distribuição possa acentuar-se ainda mais em 2017, uma vez que este será o primeiro ano de comercialização plena da recém-lançada PR7 650, que tem um novo motor de injeção eletrónica de 600 cc e é descrita por António Pinto como "uma mota mais madura, mais potente, para o utilizador que já tem alguma experiência e sabe o que quer".

"Nunca se fez em Portugal uma moto com esta cilindrada", realça o empresário, orgulhoso, agora que vê completo um processo de desenvolvimento de produto que se prolongou por dois anos e implicou um exigente programa de testes. "Ela está a ser apresentada na Europa, no Japão e nos Estados Unidos, e também vai chegar em breve ao Canadá e à Indonésia, onde estamos a ultimar a legalização necessária para poder vender nesses países", acrescenta.

A principal vantagem da AJP face à concorrência já era a sua relação qualidade-preço, dado que outras marcas de enduro "cobram muito mais por um produto que não ▸

Os modelos da AJP têm como características distintivas o braço oscilante fundido numa só peça e o depósito de combustível situado na traseira da moto.

é melhor", mas António Pinto está ainda mais confiante agora: "A PR7 vai revolucionar o mercado e pôr-nos a competir noutro patamar".

Concorrer entre os melhores

A internacionalização da AJP arrancou em 2004 e o esforço financeiro necessário para o efeito – nomeadamente com a prospeção de distribuidores e a presença em feiras do setor e provas da especialidade – já demonstrou ter valido a pena: atualmente, a empresa de Penafiel está presente em cerca de 30 países, exporta 90% da sua produção e tem como principais mercados a Austrália, os Estados Unidos, a Polónia e a República Checa.

A oferta que gera todo esse negócio inclui diferentes versões de quatro motos distintas, todas com duas características que se tornaram imagem de marca da empresa: "o braço oscilante em alumínio fundido numa só peça e o depósito de combustível situado atrás, debaixo do banco". Esses traços comuns adaptam-se depois aos objetivos da marca para cada um dos seguintes modelos: a moto PR3, mais pequena, disponível com motores de 125 ou 240 cc para motociclistas de estatura mais baixa; a PR4, "irmã mais alta da PR3" e *best-seller* da AJP na versão de 240 cc; a PR5, com 250 cc focados em enduro e "muito direcionada para quem faz viagens longas e grandes *trekkings*"; e a PR7 650, "uma moto *trail* já em estilo *rally*, mais de aventura". A versão mais modesta será o que António Pinto considera "muito barata", por custar cerca de 2.750 euros, enquanto a PR7 já terá um preço na ordem dos 10.500. Mas, de um extremo ao outro do catálogo, "qualquer AJP é mota para durar 15 a 20 anos quando bem estimada – se o dono a souber conduzir em condições, sem lhe meter paredes pela frente, como fazem alguns".

Se 2016 ficou fechado com um volume de negócios na ordem dos 2,5 milhões de euros, a ambição do empresário é agora continuar a escalada de afirmação internacional da marca, no que aponta sempre como essencial a parceria com "bons distribuidores, que saibam demonstrar ao cliente o potencial das motos e tenham condições para lhe proporcionar um *test drive*". Porque o fundador da AJP garante: "Basta isso para a pessoa perceber logo a máquina que tem nas mãos". ●

Foto: APJ

Na fábrica de Lousada, 25 funcionários trabalham para assegurar uma produção de 2.000 a 3.000 motos por ano, 90% das quais para exportação.

MARISA PAPEN

POR JOERG BILLWITZ

Samuel Úria
SÓ SABE CRESCER

Fomos sorrateiramente espreitar a caixinha de surpresas que é o músico e compositor Samuel Úria.

POR JOANA CLARA

Não precisamos de lhe dar corda, porque todo ele se espraia em palavras que almejamos recitar de cor. Samuel Úria é tão mais grandioso que os seus mundos interiores. Abreviá-lo ou remendá-lo é uma tarefa impensável. Ele é "largo de ossos" e a sua "carga de ombros" é daquelas que nos atinge com um ímpeto vulcânico; não nos atira ao chão - antes pelo contrário, eleva-nos ao infinito e leva-nos a ver a vida através dos seus olhos. Fiquem a conhecer o subtil génio do *rock* nacional.

INSOMNIA Magazine: Quem é Samuel Úria?
Samuel Úria: Felizmente não sei responder a essa pergunta, caso contrário o Samuel Úria podia ser mais maçador do que é na realidade. Mas não conseguir descrever-me tem as suas vantagens: como faço poucos balanços à minha existência, todas as indagações e considerações acabam por brotar quando quero escrever uma canção. A minha preguiça introspectiva acaba por tornar-se na minha inspiração mais fresca.
IM: Como é que ele era em bruto?
SU: Era pouco polido no invólucro. Era rude de aparência, desleixado na sonoridade. Era ruidoso e massacrante. Era feio por fora, para que pudessem suspeitar de alguma beleza interior. Nós, os feios, somos alvo desse bom preconceito, porque suspeita-se sempre que temos algum interesse escondido.
IM: Fala-nos da tua infância na Beira Alta.
SU: A minha Beira Alta da infância fingia-se remota para o que lhe convinha, e mostrava-se próxima quando solicitada. Cresci rodeado de ar puro, espaços largos e tempo. Também cresci num sítio que nunca se deixou isolar, e que soube estar ligado ao mundo - com o que tinha para oferecer, não com o que sabia importar e imitar.
IM: Tondela tem lugar cativo no teu coração. Sentes que ela é uma presença constante nas tuas obras?
SU: Sim, completamente. Tondela ainda tem o tempo ideal para se compor uma canção. Não uso relógio, mas mesmo a viver em Lisboa, tenho de me sentir num fuso horário tondelense quando quero escrever músicas.
IM: Consideras-te um homem religioso? De que forma transpões isso para a tua carreira?
SU: Já não sei muito bem o que é ser um homem religioso. Considero-me um homem de fé. Acredito que não devo viver em função de mim próprio, e isso não pode ser um mero pormenor da minha existência, tem de ser aquele que mais me define. A transposição para a carreira acaba por ser óbvia: não consigo deixar de cantar sobre aquilo que mais me define.
IM: Sabes que a crítica diz que fizeste renascer o *rock and roll* nacional. Como encaras esta distinção?
SU: Tenho de encarar a distinção com orgulho, mas também possuo a humildade suficiente para saber que sou uma pequena peça desse renascimento. O meu papel está intimamente ligado a uma geração inteira de músicos que revitalizaram alguns aspectos da música nacional.
IM: Com as canções que crias, pretendes evadir-te de algum lugar?
SU: Acho que é o contrário. As minhas canções põe-me de uma forma muito mais definitiva e consciente nos sítios em que estou. Pode haver uma evasão linguística, até porque os recursos poéticos e estilísticos que uso são, de facto, libertadores. Mas creio que uso o máximo de liberdades artísticas para me recentrar nas pequenas e

> *“Um lenço enxuto é mau, é sinal de que andamos sequinhos.”*

necessárias prisões da existência.

IM: Onde vais beber inspiração para criares os teus álbuns?

SU: Há um grande cruzamento dos meus interesses na concepção dos álbuns. As referências assentam sobre aquilo que me move, e tanto escrevo coisas pejadas de citações bíblicas e literárias, como resgato expressões corriqueiras, como ainda tento empenhar-me numa geometria que me faça esquecer que sou um artista plástico frustrado. E há muito cinema, quer nas menções directas (algumas musicais), quer numa das lições mais importantes que os filmes me ensinam: serem uma arte visual que sabe esconder coisas da vista; gostava que a minha música fosse assim. Sei que isto parece um bocado pretensioso, mas é honestidade dum *geek* provinciano, não é por qualquer pedantismo. Já que nem sempre sou transparente no produto, tento ser transparente na determinação.

IM: Como começou o movimento FlorCaveira?

SU: A FlorCaveira começou com um grupo de amigos que estavam em idade clássica de ser interventivos, e isto num período de ainda grande espanto e euforia com o alcance da *internet*. Iniciou com um manifesto, depois com textos e, finalmente, abocanhou os discos que alguns de nós já íamos fazendo.

IM: Como é que surgiu o convite para colaborares com a Sapo 24?

SU: Eu só conheço a parte da história em que aceitei uma proposta que me chegou por *email*. Percebi que ia ter liberdade, até para ser maçador, intrincado ou impopular, por isso não hesitei em dar o meu sim.

IM: O que mais te aflige no teu Pequeno Mundo?

SU: Aflige-me uma visão agigantada de nós próprios.

IM: A quem é que já deste uma Carga de Ombro?

SU: Gosto de futebol, mas jogo muito mal, por isso as minhas cargas de ombro não são as desportivas. Já dei uma carga de ombro à minha mulher, e ela a mim, quando decidimos que quatro ombros deviam aguentar cargas mútuas, como se fossem só um par de ombros num corpo comum.

IM: Já escreveste letras para a Ana Moura, para o António Zambujo, para os Clã e para a Kátia Guerreiro. Qual foi a composição mais desafiante?

SU: Para a Ana e para o António fiz também as músicas, por isso foi um trabalho de raiz que não diferiu assim tanto do que faço para mim, mesmo com outras vozes em mente (raramente componho com a minha voz em mente). Para a Kátia, foi desafiante, mas também foi bastante tranquilizador trabalhar para um fado de formato muito fechado. Às vezes, termos pouca margem de manobra facilita o processo criativo, pois ao sabermos os limites também sabemos onde concentrar as partes mais inventivas. Com os Clã, numa das canções (“Canção de Água Doce”) a própria música parecia estar a ditar-me a letra, e a voz da Manuela já trazia as minhas palavras, mesmo quando ela não as dizia. Noutra das canções dos Clã, por me soar mais completa e preenchida, surgiram incertezas, até porque cheguei a sentir que estava a puxá-la para baixo com as minhas intervenções. Terá sido esta última a mais desafiante, mas gosto do meu contributo final.

IM: Tens algum álbum na manga?

SU: Tenho um calendário a lembrar-me que é altura de pensar nisso.

IM: Auto-descondecoraste-te entre 2009 e 2010. Em que momento te apercebeste que não precisavas de um trono ou de um título no panorama musical português?

SU: Sempre me apercebi disso, mas achei que precisava de afirmá-lo, até porque começava a ser demasiado bem tratado em alguns meios. “A Descondecoração” é um disco sobejamente desconhecido, e nisso ele cumpre o seu papel. É o mais estranho de todos os meus trabalhos (numa altura em que se elogiava alguma da minha estranheza) mas também antecede os meus discos mais *pop* de estúdio. Sou eu a oferecer uma luva branca para me poderem dar uma estalada, sobretudo aqueles que nunca entenderam o rumo que a minha carreira tomou desde aí.

IM: O que precisa de diminuir em ti para que algo possa engrandecer?

SU: Tudo. Tudo o que eu sou. Tudo o que escreva com um “eu” lá pelo meio. Tudo o que me faça ter razão, mas não me faça estar certo.

IM: Que sujidade limparias do mundo com o teu Pano Enxuto?

SU: Logo a minha, a começar. Um lenço enxuto é mau, é sinal de que andamos sequinhos.

IM: Se tivesses de reinventar o amor, o que lhe oferecerias de novo? Farias com que fosse um compromisso para a vida inteira?

SU: Na minha concepção o amor já é para a vida inteira. O único verdadeiro teste para o amor é a sua perenidade. Vou ser polémico e confuso: o amor quando acaba não deixou de existir, deixou foi de ter alguma vez existido; desintegrou-se na história, porque não se reduz o amar ao recordar. Uma declaração de amor devia ser uma declaração de futuro, não um embevecimento do momento. Sei que isto parece muito idealista, mas haverá melhor coisa para votarmos os nossos idealismos do que ao amor?

IM: Se não fosses músico, quais seriam os teus outros interesses?

SU: Gostaria muito de me ter aprimorado mais na ilustração. Perdi esse comboio, mas jamais cederei ao desinteresse. ●

Fotos: Ana Dias

POR SIMON BOLZ

VAMOS FUGIR, BABY!

"Vamos fugir;
pra outro lugar, baby!
Vamos fugir;
pra onde haja um tobogã;
onde a gente escorregue."
– Gilberto Gil

WADI RUM: O VALE DA LUA

Há na Jordânia um lugar único que se veste de sol e de luar. É o deserto mágico de Wadi Rum, e está à sua espera!

POR JOANA CLARA

E se a princesa Tamina, a jóia mais preciosa de Dastan da Pérsia, Jasmine, a odalisca que arrebatou o coração do aventureiro Aladino, e Evelyn O'Connell, a heroína do enredo de Stephen Sommers, A Múmia, se perdessem no Vale da Lua? Certamente a narrativa seria bem diferente da de Lawrence da Arábia, o filme que teve Wadi Rum, o vale inóspito e surreal no sul da Jordânia, como palco.

Este que é um dos mais impressionantes desertos do Médio Oriente acaba de entrar para a lista da UNESCO como património mundial. Ainda que a revolução árabe de 1917-18 não tenha sido o acontecimento histórico mais benevolente para com as solitárias paisagens, há mais de duas décadas que Wadi Rum é considerada uma zona natural e protegida, praticamente intocada pelo homem. E a verdade é que não é preciso subir para um tapete voador para contemplar o inesquecível por do sol em tons de camarelo e de toranja, porque a imensidão do cordão de vales de dois quilómetros de largura é uma constelação de areias escarlate só por si.

O silêncio que serpenteia pelas dunas é avassalador – durante uma morosa caminhada, pode até chegar a sentir que está num *frame* do filme Gravidade, de Alfonso Cuarón, mas, ao contrário de Sandra Bullock, os seus pés estão bem assentes na terra. O incandescente farol do luar convida-nos mansamente a adormecer ao relento, velados pela grandiosidade da Via Látea e pelas estrelas fugazes que rasgam o céu.

As imponentes formações rochosas, que resultam do devastador processo de erosão, atravessam metamorfoses únicas e imprevisíveis, convidando ao turismo eco-aventura; do alpinismo aos safaris, passando pelas excursões em cavalos árabes para Aqaba ou para Petra, e pela escalada, é impossível não ficar rendido ao ímpeto do Mar Vermelho e à proximidade à fronteira com a Arábia Saudita, ambos visíveis a partir do topo do vale recortado no arenito e nas rochas de granito.

Em 2015, Wadi Rum voltou a emprestar os seus encantos ao cinema de Hollywood e aos cenários de Perdido em Marte, o filme de ficção científica realizado por Ridley Scott e com Matt Damon como protagonista. Apesar do calor abrasador que se faz sentir em qualquer estação do ano, o Vale da Lua permanecerá nas areias do tempo como o plano de fundo idílico para as mais inesquecíveis aventuras.

Foto: Ana Dias

LAB

A brilhante estrela Michelin que o chef *Sergi Arola trouxe para Sintra.*

POR CARLOS DIQUERCIA

Fomos ao Penha Longa Resort, onde o catalão Sergi Arola assentou arraiais e criou o LAB. Um restaurante intimista, com apenas 22 lugares, no qual Arola e o português Milton Anes nos proporcionam uma experiência que dificilmente se esquece.
A refeição começa por uma viagem aos vários cantos da vizinha Espanha, com uma seleção de *snacks* e petiscos clássicos, e acaba de forma brilhante com a mesma disposição de tapas do início, mas em versão doce. Pelo meio, a destacar o *ravioli* de queijo bica envolto em trufa negra, ou a pintada assada com maçã glaceada e o creme de feijão preto perfeito. O serviço é irrepreensível, como seria de esperar num restaurante deste calibre, e pode optar por um *wine pairing* ou escolher um dos mais de 500 vinhos que a excelente garrafeira detém.

ESTRADA DA LAGOA AZUL, 2714 - 511 SINTRA

PROCÓPIO

Um dos segredos da noite de Lisboa que se mantém distinto e elegante.

Bem perto do Jardim das Amoreiras, discretamente escondido num pacato beco, está uma das pérolas da noite da capital. A porta vermelha, em frente a uma bica de água e rodeada por trepadeiras, abre-se para um espaço distinto e elegante, recatado mas sempre vibrante. É o Procópio, que embora não seja novidade (está aberto desde 1972) é sempre um prazer visitar! Aqui o serviço é atencioso como já não se vê em lado nenhum, a decoração, ao estilo *art noveau* entre o *bordeaux* e o dourado, é acolhedora e a música do piano enche o ar com as notas ricas do *jazz* ou *blues*. O espaço desde sempre foi frequentado por intelectuais e artistas e é, sem dúvida, um lugar de tertúlias onde a conversa flui facilmente. Já la vão 45 anos a conversar e, com um *irish coffee* ou uma cerveja artesanal na mão, muitos mais anos virão!

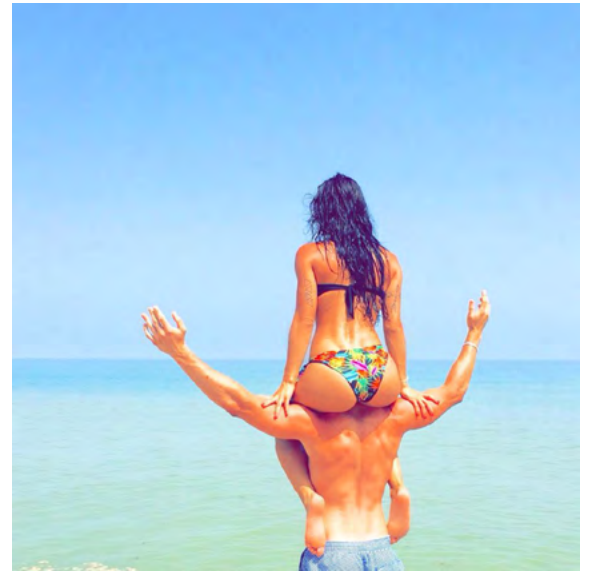
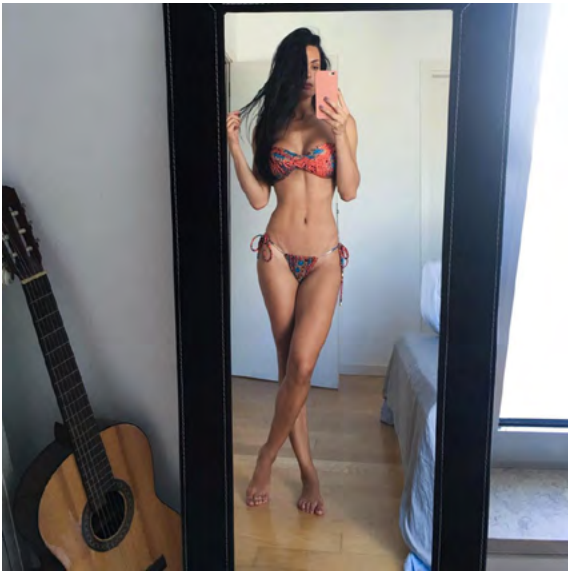
ALTO DE S. FRANCISCO 21, 1250-228 LISBOA

MALT: ALL ABOUT BEER

Há no Cais do Sodré um lugar onde a cerveja é a raínha! Chama-se MALT e por lá tem cerca de 65 'bejecas' diferentes, criteriosamente escolhidas, para descobrir.

POR ALEXANDRE MENDES

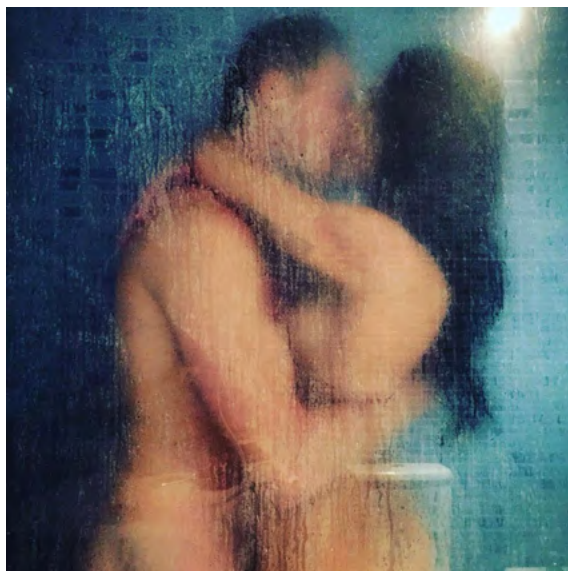
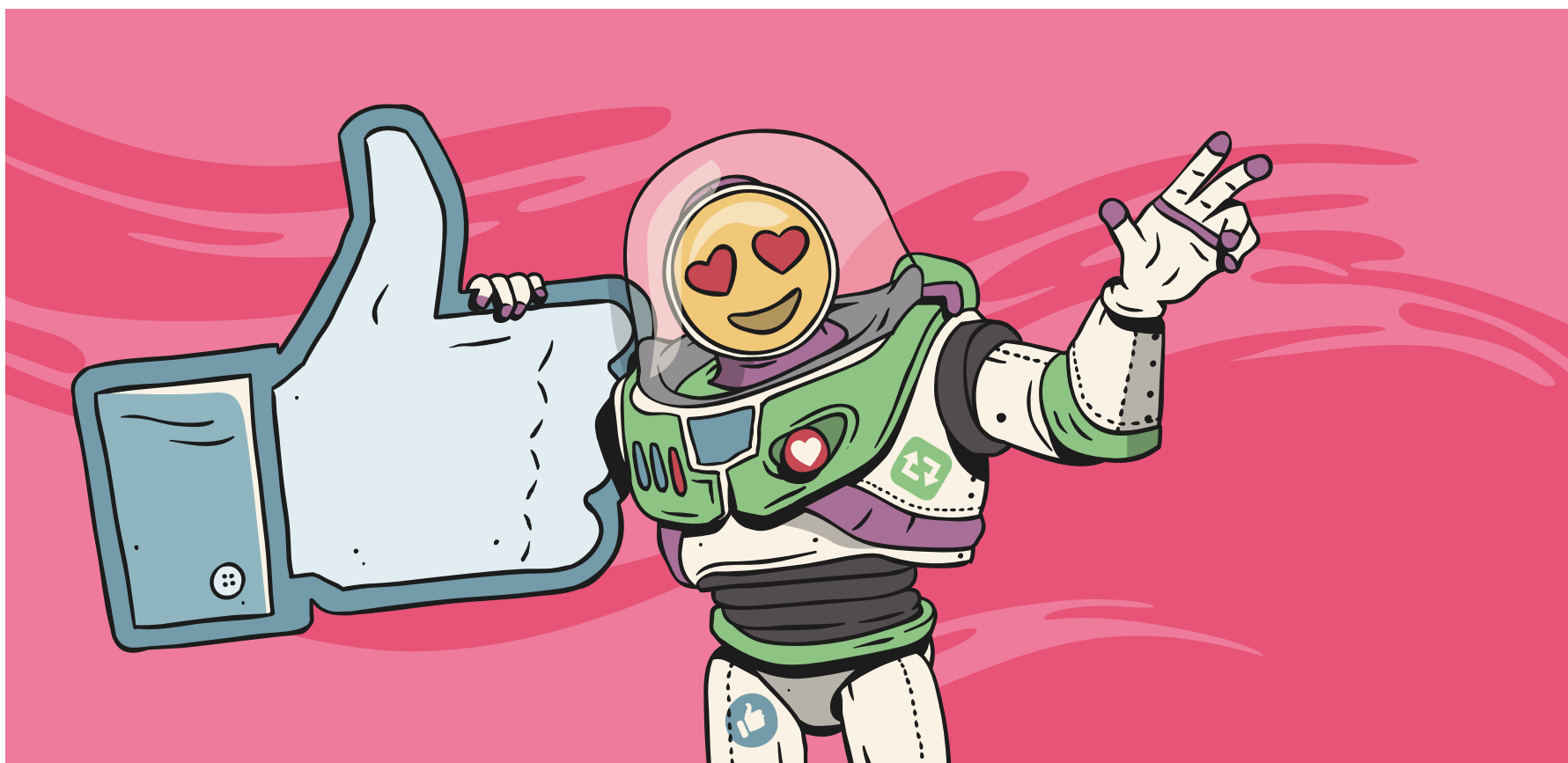
Nós que não nos acabamos num brinde, que não nos ficamos por um *shot* precipitado e fugaz – como tudo o que fazemos na adolescência – aquilo que procuramos é fazer prolongado o prazer de uma bebida que alguém se deu ao trabalho de criar combinando alquimia e paixão. Um bom bar é como uma boa mãe que nos acolhe e sacia sem grandes perguntas, sem contrapartidas maiores. Nem sempre as nossas mães nos escutam mas, em contrapartida, têm sempre uma história para contar, muitas vezes sobre mais uma pessoa que nunca ouvimos falar e que não guardaremos na nossa memória mas que, por instantes, será uma surpresa.
Tinha acabado de chegar de Las Vegas (e todos sabemos dos pecados que lá acontecem a turistas hedonistas). Não se fala sobre isso e está muito bem assim.
Deixem-me só contar que conheci um Bob, *barman* jovem num restaurante daqueles justificadamente famosos. Conheci este Bob por causa de Paul, um excêntrico nova iorquino a viver temporariamente em Vegas. Paul tinha-me cedido o seu lugar no balcão do bar, meteu conversa, trocamos simpatias e selamos o princípio de uma amizade ao chamar Bob para nos sugerir uma cerveja. Soube então que Paul era um maestro de passagem pela cidade que descomprimia de cerveja na mão, noite após noite, ao pé de Bob, o *barman* que sabia mais do que todos de cerveja.
Imaginem como foi saber por Bob, o *barman*, que em Lisboa tinha aberto um novo bar dedicado criteriosamente às melhores cervejas *"on a pink street"* dizia ele.
Chama-se MALT, não por acaso, e fica mesmo no Cais do Sodré com a tal rua cor de rosa conhecida. Para que o bar, de *feeling* industrial e algo minimalista, nascesse foi preciso deitar mãos à obra para remodelar totalmente a antiga casa noturna que por ali havia, mas desde o final do ano passado que no MALT há conversas, animação e, claro, muita cerveja! Uma rápida espreitadela e saltam à vista as cubas de 500 litros que alimentam as imperiais. Para dar a ilusão de que se está a entrar num copo de cerveja, as vigas de madeira foram pintadas de branco e o chão de cimento ganhou um tom amarelado.
A carta do bar conta com cerca de 65 referências de cervejas, a maioria artesanal de produção nacional, escolhidas por Mário Balsinha, o consultor cervejeiro, no fundo, um timoneiro que nos leva pela mão navegando o vasto espólio de cervejas. Há Musa, Mean Sardine, Rapada, Dois Corvos, Dos Diabos ou Barona, o que significa que podemos escolher cervejas de todos os estilos, consoante o gosto, consoante o dia, a disposição e o espírito. Na seleção de estrangeiras, estão representadas, entre outras, a americana Brewdog – que bebi em Las Vegas sugerida por Bob – e as polacas Kozlak e Pszeniczniak ou a italiana Peroni Doppio Malto, a Pilsner Urquell da República Checa ou ainda a omnipresente Duvel da Bélgica. Para completar a oferta, há cervejas especiais portuguesas, como a Super Bock 1927 em quatro variedades.
No MALT também se servem *cocktails* clássicos, vinho a copo, *gin*, *whisky* ou rum. Para petiscar, por agora têm tostas mistas, pão com chouriço e empadas. Os queijos, os enchidos e outros petiscos para acompanhar a cerveja chegarão sem pressa porque aqui a curadoria dos produtos sugeridos ao cliente é ponto de honra.
A cerveja é um tema inesgotável que parece estar em grande vitalidade e cujo futuro se assegura sustentadamente promissor tantas são as referências de qualidade que têm conseguido chegar com consistência ao mercado.
Mundinho engraçado este: conheci o Bob, *barman* em Las Vegas e um dos muitos turistas que tem vindo conhecer Lisboa que me falou do MALT e, em breve, quando o frio se for embora, e o MALT abrir a esplanada, receberei cá o Paul, o maestro das sinfonias ao balcão.
Uma conversa de copo em copo, um petisco para fazer durar num balcão que nos ampara desafiados pela aventureira surpresa de ir descobrindo sabores e pessoas a cada cerveja nova. Já nada do que se faz sem alma perdura, já tudo o que tem qualidade é feito com uma boa história e no MALT há, para já, 65 boas histórias a ser servidas geladinhas.

Foto: Ana Dias

FOLLOW DIANA

A temperatura não pára de subir no Instagram da manequim portuguesa.

Aos 33 anos, a atriz e manequim é inquestionavelmente uma das mulheres mais *sexy* de Portugal e, felizmente para nós, gosta de partilhar a sua boa forma nas fotografias que divulga nas redes sociais. Para além disso, não são raras as vezes em que as fotos divulgadas por Diana Monteiro, que muitas vezes surge com o namorado José Ferreira, dão que falar, de tão tóridas que são! No ginásio, em casa, de biquíni ou no duche com o namorado (*snif*) a sensualidade da Diana é sempre uma constante e é por isso mesmo que vale a pena não perdê-la de vista.

Siga a Diana em: instagram.com/dianamonteiro_oficial

Fotos: instagram.com/dianamonteiro_oficial

OS BENEFÍCIOS DO FACEBOOK

POR PEDRO PEDROSA

Num mundo onde as redes sociais são vistas como a pior das pragas que algum vez viu a luz do dia, eu tenho uma visão completamente diferente. E não, não sou estrábico. Eu gosto do Facebook.

O Facebook já fez com que muita malta fosse despedida, casais se separassem e até acabou com muitas amizades, mas hoje em dia já quase ninguém se esquece de dar os parabéns... e isso é bom! Graças ao Facebook não falhei um único aniversário da minha mulher e, por isso, continuo um homem bem casado. Não acabaram os telefonemas ou cartões, mas diminuíram drasticamente... e felizmente para mim! Nunca tive nada contra os cartões, mas não me agrada um papel que me diga constantemente que estou cada vez mais perto dos 30... Além disso sou sobrinho do tio Alcino. O tio Alcino é uma figura que sempre sonhou ser cantor mas nasceu com tanto talento para isso como eu para ser o novo Cristiano Ronaldo... por isso é que hoje é um bom contabilista. Isto tudo para dizer que com o Facebook o tio Alcino começou a mandar-me *clips* de voz que, como é evidente, nunca ouvi. Não por desrespeito para com ele, mas por respeito para com a minha sanidade mental e audição.

Voltando aos parabéns propriamente ditos. Eu vejo um comportamento padronizado que me faz regozijar. Adoro estas cenas de pessoas que seguem um padrão de comportamento:

1.º O "Parabéns" simples e pobre sem qualquer tipo de artifício, a fazer lembrar um monge beneditino. Geralmente é dirigido a pessoas que mal conhecemos e com as quais não vemos grande interesse em ter grande relação...

2.º O "Parabéns [emoji]" sem individualização mas simpático, utilizado de maneira geral para antigos colegas da primária ou da escola. Pessoas das quais provavelmente nem te lembrarias se não fosse o Facebook.

3.º O "Parabéns [nome]. Abraço/beijo" aplicado a colegas de trabalho ou de faculdade. Pessoas das quais não gostas particularmente, mas também não desgostas. Mas como fica bem ser educado...

4.º Aquele típico "Parabéns meu querido [nome]. Abraço/beijo com saudade". É o parabéns vindo do teu melhor amigo do infantário que agora emigrou e está como cônsul na Eritreia depois de ter dado a volta ao mundo e te relembra que és uma porcaria porque ainda não saíste de casa dos teus pais...

5.º O "parabéns da vergonha" que é mais ou menos isto: "Parabéns querido filho, a mãe [ou pai] amam-te muito" seguido de uma foto contigo com três anos todo nu na praia... Suscita nas pessoas a dúvida se realmente cresceste a todos os níveis ou não...

6.º O "parabéns" cultural que vem com um "parabéns grande amigo" seguido de um *link* do YouTube com uma música que ouves na noite. Pode até ser o 'Turbinada' da Ana Malhoa... Vale tudo.

7.º O "postal de Facebook de parabéns": uma imagem muito pirosa que te mandam geralmente desconhecidos que aceitaste para o teu grupo de amigos por achares que eram colegas na escola primária no Bairro de São Tomé. Caracteriza-se por cores berrantes e efeitos barrocos, mas em tom pimba.

8.º A cereja no topo do bolo. O Santo Graal dos parabéns. A jóia da coroa do Facebook! O "parabéns do teu amigalhaço" que partilha uma foto a dizer: "Parabéns homie, só nós sabemos pelo que passámos". Geralmente passaram por um *tunning* amarelo a 180 à hora e passado um bocado também foram passados por um carro da polícia para os mandar parar e pagar uma multa de 160€. Somos guerreiros. 2 de 11 milhões. A foto geralmente é de um fotógrafo de discoteca e os dois estão muito morenos mas não devido ao sol dessa altura do ano.

Pronto e basicamente é isto, mas não me podia despedir sem no final deixar uma mensagem muito especial.

Parabéns tio Alcino.

Ilustração: Matu Santamaria